

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***STRESS, SATISFAÇÃO E EXPECTATIVAS PARENTAIS EM  
MÃES E PAIS DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR***

**Simone Frazão Vieira**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)**

**2015**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***STRESS, SATISFAÇÃO E EXPECTATIVAS PARENTAIS EM  
MÃES E PAIS DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR***

**Simone Frazão Vieira**

**Dissertação, orientada pela Prof<sup>ª</sup>. Doutora Salomé Vieira Santos**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)**

**2015**

## **Agradecimentos**

À minha orientadora, Prof. Doutora Salomé Vieira Santos, pelo enorme apoio e disponibilidade demonstrados, pelo investimento e rigor científico.

Ao Prof. Doutor Bruno Gonçalves, pelo apoio, paciência e colaboração na conciliação do Estágio Académico e da Dissertação.

À Paróquia de Alqueidão da Serra Leiria/Fátima e à Escola Básica Integrada 1,2,3 de Montargil, pela disponibilidade e pela autorização para a recolha de uma parte dos participantes do estudo.

A todas as mães e pais que participaram no estudo.

Aos meus pais e irmã, pelo apoio e orgulho manifestados, e por, através da palavra e do exemplo, me terem transmitido os valores do trabalho, da humildade e da honestidade.

Ao Dr. João Lázaro que me ajudou muito, principalmente no início turbulento deste percurso, e que me introduziu o conceito do “suficientemente bom”.

Às minhas colegas de casa e amigas para a vida Cristina Santos e Cláudia Gonçalves, pela cumplicidade e presença constante e por terem dado mais “cor” a estes anos.

À Rita Alves, à Catarina Ramalho, ao João Freitas e ao Miguel Nascimento que me acompanharam durante este percurso, pela generosidade, partilha, amizade incondicional, e por sempre terem acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditei.

Ao meu colega Pedro Flávio, pela entreaajuda ao longo deste ano e pela tranquilidade transmitida.

À minha colega de estágio Isabel Almeida, pela partilha e amizade durante este ano particularmente desafiante.

A todos aqueles que não estando referidos nas linhas anteriores tornaram este momento possível.

## Resumo

O presente estudo, com mães e pais de crianças em idade escolar, tem os seguintes objetivos: 1) analisar se as mães e os pais se distinguem no *stress* parental e na satisfação e expectativas parentais; 2) explorar a relação entre o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais; 3) averiguar a relação das referidas dimensões com variáveis sociodemográficas das figuras parentais e da criança, e com variáveis do contexto familiar. Participaram no estudo 68 mães (G1) e 60 pais (G2) de crianças em idade escolar (6-12 anos). Utilizou-se o Índice de *Stress* Parental – Versão Reduzida, o Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais e um Questionário Sociodemográfico e de Desenvolvimento, para obtenção de informação específica. Verificou-se que os dois grupos não se distinguem significativamente na satisfação e expectativas parentais, mas no caso do *stress* parental as mães tendem a obter um resultado mais elevado na subescala Dificuldade Parental. Verificou-se ainda que, em ambos os grupos, níveis mais elevados de *stress* parental se associam com níveis mais baixos de satisfação parental e com expectativas menos positivas. Salientou-se igualmente que, enquanto a satisfação e expectativas parentais tendem a não se associar com as variáveis consideradas (em ambos os grupos), o *stress* parental relacionou-se quer com variáveis sociodemográficas específicas, das figuras parentais (G1 e G2) e da criança (G2), quer com variáveis do contexto familiar (G1). Este estudo deu um contributo para melhorar o conhecimento sobre a relação entre o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais, a qual não tem sido valorizada do ponto de vista empírico em amostras não-clínicas.

Palavras-chave: *Stress* Parental, Satisfação e Expectativas Parentais, Mães, Pais.

## **Abstract**

This study, involving mothers and fathers of school-aged children, has the following goals: 1) to analyze whether mothers and fathers differ in parenting stress and in parenting satisfaction and expectations; 2) to explore the relationship between parenting stress and parental satisfaction and expectations; 3) to examine the relationship of these dimensions with parents' and children's sociodemographic variables, and with family context variables. Sixty-eight mothers (G1) and 60 fathers (G2) of school-aged children (6-12 years of age) participated in the study. The Portuguese version of the Parenting Stress Index – Short Form, the Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais (The Parental Satisfaction and Expectations Questionnaire) and a Sociodemographic and Developmental Questionnaire were used, the latter to obtain specific information. The groups did not differentiate significantly in parenting satisfaction and expectations, however, in the case of parenting stress, mothers tended to obtain a higher result in the Parent Distress subscale. In both groups, higher levels of parenting stress were associated with lower levels of parental satisfaction and less positive expectations. It was also observed that while parental satisfaction and expectations tended not to be associated with the variables under study (in both groups), parenting stress was related both to specific sociodemographic variables of parents (G1 and G2) and the child (G2), and to family context variables (G1). This study has contributed to furthering knowledge on the relationship between parenting stress and parental satisfaction and expectations, which has been undervalued from an empirical point of view in nonclinical samples.

**Key-Words:** Parenting Stress, Parental Satisfaction and Expectations, Mothers, Fathers.

## Índice

Introdução .....	1
1. Enquadramento Teórico.....	4
1.1. Parentalidade .....	4
1.2. <i>Stress</i> Parental .....	5
1.2.1 Definição e Concetualização .....	5
1.2.2 Diferenças entre Mães e Pais .....	8
1.3 Satisfação e Expetativas Parentais .....	10
1.3.1 Satisfação Parental.....	10
1.3.1.1 Definição e Aspetos Concetuais .....	10
1.3.1.2 Diferenças entre Mães e Pais .....	12
1.3.2 Expectativas Parentais .....	13
1.3.2.1 Definição e Considerações Gerais .....	13
1.3.2.2 Diferenças entre Mães e Pais .....	14
1.4 Relação do <i>Stress</i> Parental com a Satisfação e Expetativas Parentais .....	15
1.5 Relação do <i>Stress</i> Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais com Variáveis Sociodemográficas (dos Pais e da Criança) e do Contexto Familiar .....	16
1.5.1 <i>Stress</i> Parental.....	16
1.5.2 Satisfação e Expectativas Parentais .....	19
2. Objetivos e Hipóteses .....	23
2.1 Objetivos .....	23
2.2 Hipóteses .....	23
3. Método .....	25
3.1 Participantes .....	25
3.1.1 Caracterização Sociodemográfica das Mães .....	25
3.1.2 Caracterização Sociodemográfica dos Pais .....	26
3.1.3 Caracterização Sociodemográfica das Crianças-Alvo.....	28

3.1.4	Caracterização de Variáveis do Contexto Familiar .....	29
3.2	Instrumentos .....	30
3.2.1	Índice de <i>Stress</i> Parental – Versão Reduzida .....	30
3.2.2	Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais .....	31
3.2.3	Questionário Sociodemográfico e de Desenvolvimento .....	31
3.3	Procedimento.....	32
3.4	Procedimentos Estatísticos.....	33
4.	Resultados.....	34
4.1	Análise Comparativa do <i>Stress</i> Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais .....	34
4.1.1	Comparação entre Mães e Pais no <i>Stress</i> Parental .....	34
4.1.2	Comparação entre Mães e Pais na Satisfação Parental.....	35
4.1.3	Comparação entre Mães e Pais nas Expectativas Parentais .....	36
4.2	Análise da Relação do <i>Stress</i> Parental com a Satisfação e as Expectativas Parentais nos Dois Grupos.....	36
4.2.1	Mães.....	36
4.2.2	Pais.....	37
4.3	Análise da Relação do <i>Stress</i> Parental com Variáveis Sociodemográficas dos Participantes e da Criança, e com Variáveis do Contexto Familiar .....	38
4.3.1	Mães.....	38
4.3.2	Pais.....	39
4.4	Análise da Relação da Satisfação e Expectativas Parentais com Variáveis Sociodemográficas dos Participantes e da Criança, e com Variáveis do Contexto Familiar .....	41
4.4.1	Mães.....	41
4.4.2	Pais.....	42
5.	Discussão .....	44
5.1	<i>Stress</i> Parental e Satisfação e Expectativas Parentais: Diferenças entre Mães e Pais....	44
5.2	Relação entre <i>Stress</i> Parental e Satisfação e Expectativas Parentais .....	46

5.3 Relação do <i>Stress</i> Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais com Variáveis Sociodemográficas das Figuras Parentais e da Criança e com Variáveis do Contexto Familiar .....	47
5.3.1 Relação com Variáveis Sociodemográficas das Figuras Parentais .....	47
5.3.2 Relação com Variáveis Sociodemográficas da Criança .....	49
5.3.3 Relação com Variáveis do Contexto Familiar .....	50
6. Conclusão.....	52
7. Referências.....	56

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1.</b> Nível de Escolaridade das Mães – Frequências (f) e Percentagens (%).....	25
<b>Quadro 2.</b> Grupo Profissional das Mães – Frequências (f) e Percentagens (%).....	26
<b>Quadro 3.</b> Nível de Escolaridade dos Pais – Frequências (f) e Percentagens (%) .....	27
<b>Quadro 4.</b> Grupo Profissional dos Pais – Frequências (f) e Percentagens (%) .....	27
<b>Quadro 5.</b> Ano de Escolaridade da Criança (G1 e G2) – Frequências (f) e Percentagens (%) .....	28
<b>Quadro 6.</b> Tipo de Família (G1 e G2) – Frequências (f) e Percentagens (%) .....	29
<b>Quadro 7.</b> Cuidador Principal da Criança (G1 e G2) – Frequências (f) e Percentagens (%) .	30
<b>Quadro 8.</b> Comparação das Respostas das Mães (G1) e dos Pais (G2) no <i>Stress Parental</i> – Médias (M), Desvios-Padrão (DP), Valores de t e Valores de p .....	35
<b>Quadro 9.</b> Comparação das Respostas das Mães (G1) e dos Pais (G2) na Satisfação Parental – Médias (M), Desvios-Padrão (DP), Valores de t e Valores de p .....	35
<b>Quadro 10.</b> Comparação das Respostas das Mães (G1) e dos Pais (G2) nas Expectativas Parentais – Médias (M), Desvios-Padrão (DP), Valores de t e Valores de p .....	36
<b>Quadro 11.</b> Mães (G1) - Correlação entre o <i>Stress Parental</i> e a Satisfação e as Expectativas Parentais .....	37
<b>Quadro 12.</b> Pais (G2) - Correlação entre o <i>Stress Parental</i> e a Satisfação e as Expectativas Parentais .....	37
<b>Quadro 13.</b> Mães (G1) - Correlação entre o <i>Stress Parental</i> e as Variáveis Sociodemográficas das Mães (Idade e Escolaridade) e da Criança (Sexo e Idade), e as Variáveis do Contexto Familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal) .....	39
<b>Quadro 14.</b> Pais (G2) - Correlação entre o <i>Stress Parental</i> e as Variáveis Sociodemográficas dos Pais (Idade e Escolaridade) e da Criança (Sexo e Idade), e as Variáveis do Contexto Familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal) .....	40
<b>Quadro 15.</b> Mães (G1) - Correlação entre a Satisfação e as Expectativas Parentais e as Variáveis Sociodemográficas das Mães (Idade e Escolaridade) e da Criança (Sexo e Idade), e as Variáveis do Contexto Familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal) .....	42

**Quadro 16.** Pais (G2) - Correlação entre a Satisfação e as Expectativas Parentais e as Variáveis Sociodemográficas dos Pais (Idade e Escolaridade) e da Criança (Sexo e Idade), e as Variáveis do Contexto Familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal) .....43

## Introdução

O presente estudo, dirigido para a parentalidade, pretende contribuir para um melhor entendimento da relação entre o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais em amostras não-clínicas, focando a perspectiva das mães e dos pais de crianças em idade escolar (6-12 anos). Apesar de existir uma literatura vasta sobre o *stress* parental em amostras clínicas (e.g., mães e pais de crianças com problemas físicos graves, de desenvolvimento, comportamentais e cognitivos), são poucos os estudos que o analisam em amostras não-clínicas.

Da mesma forma que a sociedade enfatiza a importância do papel da mãe na vida da criança, continuando a atribuir ao pai, amiúde, um papel mais lateral (Cruz, 2005), não obstante todas as mudanças ocorridas nas últimas décadas nos papéis sociais e de género, também a investigação relativa ao *stress* parental, e à parentalidade em geral, tem dado primazia às mães, em detrimento dos pais. Nesta sequência, o presente estudo pretende contribuir para aumentar o conhecimento sobre a perspectiva dos pais relativamente às dimensões em estudo, e compará-la com a perspectiva das mães.

A parentalidade comporta não só um conjunto de privilégios e benefícios, mas também de frustrações, medos e falhas (Bornstein, 2001). Este autor considera que, apesar de tudo o que foi escrito, não são lembrados vezes suficientes os aspetos positivos relacionados com a parentalidade (e.g., o amor incondicional, o desenvolvimento e a utilização de competências, a promoção do desenvolvimento psicológico, da auto-estima e do bem-estar, e a alegria resultante da relação e das atividades desenvolvidas com a criança), nem são considerados vezes suficientes os aspetos negativos (e.g., as desilusões e as preocupações) de forma a encontrar soluções ajustadas. No presente estudo, ir-se-á incidir quer em aspetos positivos, quer em aspetos negativos ligados à parentalidade.

No que se refere ao *stress* parental, ele tem sido, como se referiu, pouco investigado em amostras não-clínicas, sendo mais numerosos os estudos que incidem na comparação entre famílias com e sem filhos com problemas (e.g., Epifanio, Genna, Vitello, Roccella, & La Grutta, 2013; Sarajuuri, Lönnqvist, Schmitt, Almqvist, & Jokinen, 2012; ver também Hayes & Watson, 2013). Os estudos comparativos entre as mães e os pais reportam resultados mistos quer para amostras não-clínicas (e.g., Delvecchio et al., 2014; Putnick et al., 2010), quer para amostras clínicas (e.g., May, Fletcher, Dempsey, & Newman, 2015; Soltanifar et al., 2015).

O *stress* parental pode constituir uma influência negativa para o comportamento parental e para a qualidade da parentalidade (Deater-Deckard, 1998; Mackler et al., 2015),

designadamente em função da sua intensidade, revelando-se, portanto, pertinente explorar a relação do *stress* parental com a satisfação e as expectativas parentais.

Os estudos sobre a satisfação e as expectativas parentais são escassos, designadamente quando a criança tem idade escolar, e principalmente no que diz respeito à última dimensão. As expectativas e a satisfação parental estão coerentemente associadas, na medida em que a satisfação em geral está relacionada com a concretização de expectativas (Goodnow & Collins, 1990). No que diz respeito à satisfação parental, os estudos que incidem na comparação entre as mães e os pais apresentam resultados mistos (e.g., Elek, Hudson, & Bouffard, 2003; Renk et al., 2003). Quanto às expectativas parentais, não foram encontrados estudos que comparem as mães e os pais.

Os estudos que relacionam o *stress* parental com a satisfação e as expectativas parentais são muito escassos, pelo que este estudo pretende, como se referiu, contribuir para uma melhor compreensão da relação entre estas dimensões, que se sabe serem influentes no desempenho do papel parental das mães e dos pais. Espera-se ainda que, através desta compreensão, se possa contribuir para o desenvolvimento de formas de intervenção (designadamente numa perspectiva preventiva) com as mães e pais de crianças em idade escolar que necessitem de apoio na parentalidade, mais ainda porque a idade escolar se caracteriza por um conjunto de mudanças na vida das crianças, às quais os pais se têm de adaptar, enfrentando os desafios acrescidos que delas resultam (Collins, Madsen, & Susman-Stillman, 2002).

Na medida em que, de acordo com a literatura, sobretudo a dirigida para o *stress* parental, existem variáveis dos pais, da criança e do contexto familiar que podem ser potencialmente influentes nas dimensões em estudo, pretende-se explorar igualmente a relação destas dimensões – *stress* parental e satisfação e expectativas parentais – com variáveis sociodemográficas das figuras parentais (Idade e Escolaridade) e da criança (Sexo e Idade), e com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança) em ambos os grupos.

O presente trabalho encontra-se estruturado em seis pontos. O primeiro ponto integra o enquadramento teórico do estudo, no qual serão abordados a parentalidade, o *stress* parental, a satisfação e expectativas parentais, e a relação entre estas dimensões, bem como a sua relação com variáveis sociodemográficas dos pais e da criança, e com variáveis do contexto familiar. O segundo ponto foca os objetivos e as hipóteses definidos para o estudo. O terceiro ponto compreende o método, com a caracterização dos participantes, e a descrição dos instrumentos utilizados, do procedimento e dos procedimentos estatísticos. O quarto ponto é dirigido para os resultados e o quinto ponto para a sua discussão. Por último, o sexto ponto inclui a conclusão

do estudo, na qual serão também focadas as limitações do mesmo e apresentadas sugestões para futuras investigações.

## 1. Enquadramento Teórico

### 1.1. Parentalidade

No momento histórico atual, em que existe liberdade de decisão e possibilidade de planeamento familiar mais rigoroso, a decisão de ter um filho é uma das mais importantes da vida de muitos indivíduos (Twenge, Campbell, & Foster, 2003).

A parentalidade pode ser definida como o processo pelo qual os pais asseguram a sobrevivência e o desenvolvimento físico, psicológico e social dos filhos (Barroso & Machado, 2010; Hoghughi, 2004). Este processo envolve tanto os pais como as crianças, desempenhando a família alargada, os serviços locais e nacionais, e o próprio Estado, um papel importante (Daly, 2007).

A parentalidade tem subjacentes tarefas de grande responsabilidade e exigência, sendo o papel parental experienciado de forma única por cada indivíduo (Meunier & Roskam, 2009). Esta experiência revela-se potencialmente satisfatória, recompensadora e gratificante, e permite a realização pessoal, contudo, comporta, simultaneamente, um conjunto de desafios e dificuldades suscetíveis de causar exaustão, *stress* e tensão emocional (Deater-Deckard, 1998; Vieira, Ávila, & Matos, 2012). Segundo Dix (1991), “a parentalidade é uma experiência emocional” (p. 3). Com efeito, o envolvimento emocional dos pais é essencial, permitindo a ativação da motivação necessária para responder adequadamente às necessidades dos filhos (e.g., proteção, conforto, estímulo e disciplina) (Dix, 1991).

No que diz respeito ao impacto dos filhos no bem-estar psicológico dos pais, na literatura destacam-se duas posições contraditórias já que enquanto uns autores salientam que os filhos podem ter um forte impacto negativo no bem-estar psicológico dos pais, outros referem que eles têm um forte impacto positivo (ver Umberson & Gove, 1989). No entanto, sobressai também a existência de uma posição intermédia, na qual se consideram as consequências negativas e positivas da parentalidade (ver Umberson & Gove, 1989), cujo balanço depende da interação de vários fatores.

Com efeito, a parentalidade é multideterminada, pelo que existem diversos fatores e processos que influenciam o comportamento parental e a qualidade das relações no subsistema familiar pais-filhos (Belsky, 1984, 1990). Como determinantes principais consideram-se as características da criança, nomeadamente a idade, o sexo e o temperamento (e.g., emocionalidade negativa, desobediência e nível elevado de atividade), as características dos pais, nomeadamente os seus recursos pessoais e psicológicos (e.g., neuroticismo e maturidade), a relação marital (e.g., amor e intimidade, e partilha de tarefas relacionadas com a criança) e

outras fontes contextuais de *stress* e de suporte (e.g., satisfação/insatisfação nas interações com a rede de suporte social e no emprego) (Belsky, 1984, 1990). No Modelo dos Determinantes da Parentalidade proposto por Belsky (1984, 1990), estes determinantes influenciam a parentalidade de forma direta ou indireta. Por exemplo, enquanto as características da criança têm uma influência direta, a história de desenvolvimento dos pais, ao influenciar diretamente a personalidade e o contexto no qual se desenvolvem as relações pais-filhos, determina de forma indireta a parentalidade (Belsky, 1984, 1990). Estes determinantes têm vindo a ser considerados também no estudo do *stress* parental. Como fatores protetores do *stress* na relação pais-filhos consideraram-se, por ordem de importância, as características dos pais, as fontes contextuais de suporte e as características da criança (Belsky, 1984; Mulso, Caldera, Pursley, Reifman, & Huston, 2002).

Com base no modelo de Belsky (1984), e nas propostas de Bronfenbrenner (2001) e de Furstenberg (1985, citado por Hoghughi, 2004), Hoghughi desenvolveu um modelo integrativo da parentalidade (ver Hoghughi, 2004). Este modelo considera a existência de onze dimensões da parentalidade que são integradas nos três domínios – atividades parentais, áreas funcionais e pré-requisitos. As atividades parentais abrangem as dimensões de cuidado, controlo e desenvolvimento; as áreas funcionais integram as dimensões de saúde física, saúde mental, comportamento social e funcionamento educativo e intelectual; os pré-requisitos englobam as dimensões de conhecimento e compreensão, motivação, recursos para a parentalidade (e.g., competências, rede social e recursos materiais), e oportunidades (Hoghughi, 2004).

## **1.2. *Stress* Parental**

### **1.2.1 Definição e Concetualização**

A parentalidade comporta um conjunto de objetivos que implica, por parte dos pais, a tomada de decisões (e.g., dirigidas para estratégias eficazes de atuação), responsabilidades (e.g., financeiras e educativas), preocupações (e.g., com a saúde), e comportamentos e interações, ao longo do desenvolvimento dos filhos. Todos estes domínios podem acarretar múltiplos fatores de *stress* para os pais (Cappa, Begle, Conger, Dumas, & Conger, 2011).

Uma parentalidade bem-sucedida pressupõe a aquisição, por parte dos filhos, de várias capacidades e competências, nomeadamente de autocontrolo, de autodeterminação, de expressão e regulação emocional, entre outras. Os objetivos e as tarefas associados a um desenvolvimento positivo requerem mecanismos biológicos e psicológicos (e.g., vigilância,

reatividade emocional e excitação fisiológica) que maximizam a probabilidade dos pais serem bem-sucedidos na parentalidade e que, conseqüentemente, promovem a sobrevivência da espécie (Deater-Deckard, 2004). Contudo, estes mecanismos podem colocar alguns pais em risco de *stress* no desempenho do seu papel de cuidadores (Deater-Deckard, 2004).

O *stress* parental foi definido como uma reação psicológica adversa face às exigências da parentalidade, existindo uma discrepância entre estas exigências e os recursos pessoais das figuras parentais (mães e pais), e constitui um processo complexo que envolve a experiência de sentimentos negativos em relação ao próprio e à(s) criança(s) (Deater-Deckard, 1998; ver também Östberg, Hagekull, & Hagelin, 2007). Nalguns casos o *stress* parental pode ser avaliado como não normativo, e em algumas situações ser mesmo “extremo” (Deater-Deckard, 1998).

Com base no modelo geral de *stress* de Lazarus (e.g., Lazarus, 1993), Deater-Deckard (1998) definiu as quatro componentes do *stress* parental: 1) a experiência da parentalidade como o evento causal externo do *stress* ou a criança como o agente causal; 2) a avaliação cognitiva do evento ou do agente causal que indica se este é prejudicial ou não; 3) a interação entre a experiência de *stress* e os mecanismos de *coping* utilizados pelos pais; 4) a reação de *stress* parental expressa no comportamento e afeto dos pais em relação à criança, e com conseqüências para o bem-estar dos pais e da criança.

O *stress* parental encontra-se relacionado com aspetos concretos, como as características da criança ou dos pais e os acontecimentos de vida, e também com aspetos subjetivos da experiência parental, como a interpretação que os pais fazem das situações (Abidin & Santos, 2003; Santos, 2008b). Nesta linha, as diferenças individuais na experiência do *stress* parental poderão resultar não só de diferenças no uso e acesso a recursos concretos (e.g., habitação, salário e apoio social), como de diferenças na experiência subjetiva da parentalidade (e.g., interpretação das características da criança – criança exigente/assertiva). Os desafios que os pais enfrentam são diversificados (Deater-Deckard, 2005) e o facto de disporem de mais recursos não implica que não experimentem *stress* parental (Deater-Deckard, 2004). Constata-se que, face a acontecimentos de vida, quer *major* (e.g., pobreza, doença grave, deficiência e luto) quer *minor* (e.g., aborrecimentos do dia-a-dia como lidar com as birras e as queixas da criança, gerir a agenda entre os compromissos profissionais e a vida familiar, mudar os planos devido a uma necessidade imprevista da criança ou controlar a criança em locais públicos, como restaurantes e supermercados), pais e crianças poderão revelar características de resiliência e haver a manutenção de práticas parentais positivas ou, no caso da criança, de ajustamento socio-emocional adequado (Deater-Deckard, 2005).

Na relação pais-filhos há uma influência mútua, o que é extensível ao *stress* parental. Desta forma, por um lado, este *stress* influencia negativamente o comportamento parental e a qualidade da parentalidade (Deater-Deckard, 1998; Mackler et al., 2015), e esta deterioração pode resultar em problemas de comportamento na criança e em perturbação do seu desenvolvimento cognitivo, socioemocional e físico (Deater-Deckard, 1998). Por outro lado, os problemas de comportamento da criança (de tipo externalizante e internalizante), os problemas físicos, e ao nível cognitivo e socioemocional, contribuem para a exacerbação do *stress* parental (Anthony et al., 2005; Bonifacci, Montuschi, Lami, & Snowling, 2014; Cousino & Hazen, 2013; Davis & Carter, 2008; Epifanio et al., 2013; Mackler et al., 2015; Rodriguez, 2011; Sarajuuri et al., 2012).

De notar que os resultados de alguns estudos mostram que o *stress* parental tem um efeito direto na adaptação e no desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento nas crianças (e.g., Huth-Bocks & Hughes, 2008).

Da mesma forma que o *stress* em geral é conceptualizado de diferentes formas, também o *stress* parental tem sido conceptualizado de modo diverso, existindo autores que dão destaque a duas perspetivas: uma focada nas relações pais-filhos e nos acontecimentos *major* que a família enfrenta (e.g., Abidin, 1995; Crnic, Gaze, & Hoffman, 2005), e outra focada nos acontecimentos *minor* (ou *daily hassles*), portanto, nos acontecimentos e aborrecimentos do dia-a-dia geradores de *stress* (e.g., Crnic & Greenberg, 1990; Crnic & Low, 2002; Crnic et al., 2005). Estas perspetivas complementam-se entre si na conceptualização da natureza do *stress* parental, e das suas causas e consequências (Deater-Deckard, 2004).

A primeira perspetiva considera os aspetos da perturbação (*distress*) parental geral, as dificuldades da criança, as relações disfuncionais entre os pais e os filhos, e os acontecimentos *major*, os quais têm geralmente uma baixa frequência e não são relativos a processos internos à família (Abidin, 1990; 1995). Muitos dos estudos que têm subjacente esta perspetiva, utilizam amostras clínicas (e.g., pais de crianças com doença física e/ou mental) (e.g., Abidin, 1995; Abidin & Santos, 2014; Deater-Deckard, 2004), carecendo-se de estudos com amostras não-clínicas.

O *Parenting Stress Index-Short Form* (Abidin, 1995), cuja adaptação portuguesa (Santos, 2008a, 2011) será utilizada neste trabalho, assenta nesta primeira perspetiva. O modelo respectivo incide sobre as relações pais-filhos e o desenvolvimento infantil, e considera que o *stress* parental é multideterminado (Abidin, 1995). Os determinantes identificados são, na forma completa do *Parenting Stress Index*, os seguintes: características da criança (e.g., o seu temperamento, as expectativas dos pais em relação à criança), características dos pais (e.g.,

a sua personalidade e patologia, mais especificamente a depressão, o sentido de competência), as variáveis situacionais (e.g., a relação conjugal, o isolamento social). Este modelo assume ainda a importância do *stress* de vida (acontecimentos de vida *major*) para o aumento do *stress* parental (Abidin, 1995). Na versão reduzida do PSI, este conjunto de características (com excepção dos acontecimentos de vida) distribui-se por três dimensões que avaliam de forma específica características da criança, da figura parental e da interação mãe/pai-criança (Abidin, 1995), as quais se influenciam mutuamente, tendo a interação pais-criança uma influência directa no comportamento parental e indirecta no funcionamento da criança.

A segunda perspectiva, considera o impacto cumulativo dos acontecimentos *minor*, enquanto fonte significativa de *stress*, com implicações no funcionamento dos pais, da criança e da família, e destaca os fatores e processos individuais envolvidos na percepção dos acontecimentos e aborrecimentos do dia-a-dia geradores de *stress* e na resposta aos mesmos (Crnic & Greenberg, 1990; Crnic & Low, 2002; Deater-Deckard, 1998). Pode considerar-se que esta perspectiva possui um foco menos centrado no défice, pois considera os acontecimentos típicos da parentalidade e os comportamentos normativos das crianças (Crnic & Low, 2002). De acordo com Deater-Deckard (2004), esta perspectiva não contradiz a perspectiva anterior, mas pelo contrário, ao focar o *stress* parental que afeta a maioria dos pais, complementa-a.

### **1.2.2 Diferenças entre Mães e Pais**

É relevante recordar que o papel de género tem vindo a sofrer uma grande mudança nas sociedades ocidentais, verificando-se não só uma maior igualdade na distribuição de tarefas pelo casal (e.g., gestão das tarefas domésticas e educação dos filhos, obtenção/aquisição de rendimentos) como as mulheres investem mais na sua formação académica e na vida profissional e os homens investem mais tempo e estão mais envolvidos na educação dos filhos (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Deater-Deckard, 2004; O'Brien & Moss, 2010; Perrone, Wright, & Jackson, 2009). O novo pai antecipa a igualdade no cuidado e na educação dos filhos e manifesta o desejo de estar presente e envolvido de uma forma diferente daquela que o seu próprio pai esteve (Miller, 2011). Apesar de todas estas mudanças, sobressai que as mulheres ainda tendem a ser, na maioria dos casos, as cuidadoras principais dos filhos (Cholensky, 2015; Lamb & Lewis, 2004; Lima, Serôdio, & Cruz, 2011; Monteiro, Veríssimo et al., 2010), e os homens mantêm-se a receber salários mais elevados (Cholensky, 2015; Hart, 2014; Misra & Strader, 2013). De facto, alguns autores indicam que as expectativas culturais continuam a considerar a mãe como a cuidadora principal e a atribuir a primazia da

esfera pública ao pai (e.g., Wall & Arnold, 2007). Para que a igualdade na distribuição de tarefas pelo casal seja atingida, é necessário que ocorra a interação de vários fatores ao nível do comportamento individual, das políticas sociais e da ideologia cultural, entre outros (Wall & Arnold, 2007).

Será que as diferenças entre mães e pais também se revelam no *stress* experimentado no desempenho do papel parental? A investigação nesta área focaliza mais as mães, comparativamente com os pais, como consequência do papel típico de género, que está progressivamente a mudar. Em termos gerais, salienta-se que os estudos reportam resultados mistos. De facto, alguns estudos com amostras não-clínicas encontram níveis mais elevados de *stress* parental nas mães, comparativamente com os pais (e.g., Delvecchio et al., 2014; Santos, 2010), mas outros não apresentam diferenças significativas entre os níveis de *stress* parental das mães e dos pais (e.g., Deater-Deckard & Scarr, 1996; Putnick et al., 2010). No caso de amostras clínicas, o padrão de resultados tem uma característica equivalente, já que também se identificam resultados mistos, salientando alguns autores diferenças entre mães e pais para diversos tipos de problemas das crianças-alvo, como problemas físicos graves, de desenvolvimento, comportamentais e cognitivos (e.g., Calzada, Eyberg, Rich, & Querido, 2004; Dellve, Samuelsson, Tallborn, Fath, & Hallberg, 2006; Narkunam, Hashim, Sachdev, Pillai, & Ng, 2014; Oelofsen & Richardson, 2006; Shin, Nhan, Crittenden, Flory, & Ladinsky, 2006; Soltanifar et al., 2015), enquanto outros relatam que eles não se distinguem significativamente (e.g., Dyson, 1997; Keller & Honig, 2004; May et al., 2015; Zarina, Radhiyah, Hamidah, Syed, & Rahman, 2012).

Deater-Deckard (2004) justifica a heterogeneidade dos resultados dos estudos com base no facto de todos eles considerarem o sexo biológico e de poucos examinarem dimensões psicológicas de género (e.g., crenças dos pais relativas ao género, atributos de personalidade e comportamentais de masculinidade e feminilidade).

Barnett e Baruch (1987, citados por Deater-Deckard & Scarr, 1996) apresentam ainda uma justificação alternativa, não obstante se tratar de um trabalho de finais dos anos 80. Estes autores justificam a heterogeneidade dos resultados dos estudos com base na hipótese do papel social, ou seja, tendo em conta a perceção do papel de género pela sociedade (e a sua evolução). Assim, quando há uma maior igualdade entre os homens e as mulheres nos papéis relativos ao trabalho e familiares (por exemplo, em termos da distribuição das tarefas domésticas e de cuidado aos filhos) poderá existir também uma maior similitude na forma como eles experimentam o *stress* parental. Os autores apresentam ainda uma hipótese contrária - a hipótese do papel de género -, que propõe que as diferenças nos níveis de *stress* parental das

mães e dos pais são de natureza biológica. Na linha da hipótese do papel social, alguns autores (e.g., Narkunam et al., 2014) consideram que o facto de, na maioria dos casos, as mães continuarem a ser as cuidadoras principais e terem simultaneamente de dar resposta às suas obrigações profissionais, contribui para o aumento do *stress* parental experienciado, comparativamente com os pais.

### **1.3 Satisfação e Expetativas Parentais**

#### **1.3.1 Satisfação Parental**

##### **1.3.1.1 Definição e Aspetos Concetuais**

A satisfação em geral está relacionada com padrões atribucionais particulares, com a concretização de expectativas e com uma sensação de sucesso que é difícil de definir e de alcançar (Goodnow & Collins, 1990).

A satisfação parental constitui uma dimensão relevante no âmbito da parentalidade. Bornstein et al. (2003) consideraram a satisfação parental como um dos quatro atributos-chave para o sucesso na parentalidade, a par da competência, investimento e equilíbrio de papéis.

A satisfação parental, na perspetiva utilizada no presente estudo, remete para a satisfação com o papel parental e/ou a satisfação com o(s) filho(s) (Vieira et al., 2012), podendo ser definida “como o sentimento de contentamento e gratificação dos pais em relação às suas responsabilidades para com a criança” (Mounton & Tuma, 1988, p. 218), englobando ainda a definição de satisfação parental o afeto associado à parentalidade (Johnston & Mash, 1989). Note-se que a maioria dos estudos operacionaliza a satisfação parental em relação com a educação escolar dos filhos (e.g., Kaczan, Rycielski, & Wasilewska, 2014), a intervenção precoce, a qualidade dos serviços de saúde e com casos de perturbação ou défice na infância (e.g., Alves, 2008; Mammen, Kolko, & Pilkonis, 2003, citados por Vieira et al., 2012), que não é o caso do presente estudo.

Quando existe compatibilidade entre os objetivos e comportamento parentais por um lado, e os objetivos e comportamento dos filhos, por outro lado, desenvolvem-se interações harmoniosas e aumenta o afeto positivo, mas quando existe incompatibilidade surge conflito e aumenta o afeto negativo (Cruz, 2005).

O sentimento de insatisfação dos pais pode surgir na sequência de uma auto-avaliação negativa da sua eficácia enquanto figuras parentais (Cruz, 2005). Baseada em Goodnow e Collins (1990), que abordaram a relação entre cognições, afetos e comportamento dos pais e

consideraram três situações, que podem surgir simultaneamente ou de forma isolada, como possíveis fontes de satisfação parental, a autora transpôs estas situações para a insatisfação parental. Desta forma, a percepção da incoerência entre os princípios e valores educativos dos pais e as suas ações concretas relativas à parentalidade constitui uma das situações que desencadeiam uma auto-avaliação negativa da sua eficácia enquanto pais (Cruz, 2005). Outra situação que se revela uma fonte de insatisfação parental diz respeito à percepção da grande discordância entre os comportamentos e as realizações da criança, por um lado, e os padrões e expectativas parentais relativos à criança, por outro (Cruz, 2005). Por último, destaca-se o sentimento de dúvida face à competência parental que pode surgir na sequência da situação anterior e/ou em casos em que as crianças têm características que são particularmente difíceis de lidar e em que, conseqüentemente, os pais se sentem impotentes face à criança (Cruz, 2005).

O papel parental é experienciado de forma única por cada indivíduo, pelo que a satisfação com este papel é uma variável individual, influenciada em grande medida pela história do desenvolvimento dos pais, designadamente pelas experiências destes com os seus próprios pais (Kurdek, 1996). Segundo Sabatelli e Waldron (1995), a satisfação parental tem em conta as dificuldades e as recompensas que decorrem da experiência com a parentalidade, na avaliação do próprio indivíduo, sendo que as atitudes positivas relativas à parentalidade dizem respeito às experiências do papel parental que, de acordo com a/o mãe/pai, superam as expectativas. Geralmente, os homens antecipam menos dificuldades e mais recompensas decorrentes da experiência com a parentalidade, comparativamente com as mulheres, as quais antecipam antes o impacto negativo da parentalidade na sua carreira profissional, e na autonomia e poder de compra, ainda que também refiram o impacto positivo na sua relação amorosa, em termos de qualidade e de sentimento de segurança (Liefbroer, 2005). As expectativas relativas às dificuldades e às recompensas que decorrem da experiência com a parentalidade, na avaliação do próprio indivíduo, influenciam o *timing* para ter o primeiro filho, tanto nas mulheres como nos homens (Liefbroer, 2005).

Oliveira e Costa (2005) procuraram perceber o modo como os diferentes elementos constitutivos de 230 tríades familiares (mãe, pai e respetivo filho(a) adolescente) percecionavam a satisfação relativa aos papéis familiares (conjugal e parental) e a sua relação com a vinculação aos pais. Os resultados do estudo mostram a maior importância da percepção dos filhos sobre a satisfação dos pais no desempenho dos papéis conjugal e parental, comparativamente com a própria forma como cada um dos pais retira satisfação do desempenho desses papéis, sendo que os filhos com um estilo de vinculação seguro percecionam os seus pais como retirando maior satisfação do cumprimento dos papéis

familiares (Oliveira & Costa, 2005). Os significados que os filhos atribuem à satisfação nos papéis conjugal e parental revelam-se importantes para a construção dos modelos de representação de si e do outro, os quais irão orientar o tipo de relações afetivas estabelecidas em adulto (Oliveira & Costa, 2005). Os resultados deste estudo mostram ainda uma correlação positiva entre a percepção de satisfação no papel parental e a percepção de satisfação no papel conjugal, o que indica a existência de um efeito de contaminação da satisfação entre os dois papéis (Oliveira & Costa, 2005).

Numa outra linha, os resultados do estudo de Wenger e Fowers (2008) revelam que as avaliações positivas feitas pelos pais (mãe e pai) sobre os(as) filhos(as) e sobre a parentalidade relacionam-se com os seus níveis de satisfação parental. As avaliações dos(as) filhos(as) feitas pelos pais foram consideradas irrealistas devido à discrepância existente entre a avaliação dos(as) seus(suas) filhos(as) e a avaliação da criança “média”, tendo os pais atribuído mais características positivas e menos características negativas aos(às) seus(suas) filhos(as); as avaliações da parentalidade foram consideradas irrealistas devido à concordância com os itens da escala utilizada (e.g., “A parentalidade é tão recompensadora que eu nunca me importo com o trabalho e os problemas que traz”, p. 625, Wenger & Fowers, 2008). Os autores consideram que poderá estar presente um padrão de manutenção da satisfação em que as ilusões positivas dos pais em relação à criança influenciam positivamente a percepção das ações desta, o que reforça o seu comportamento positivo e, conseqüentemente, as ilusões positivas parentais. Da mesma forma, as percepções negativas da criança reforçam o seu comportamento negativo e, por conseguinte, as avaliações negativas parentais (Wenger & Fowers, 2008).

### **1.3.1.2 Diferenças entre Mães e Pais**

Os estudos que analisaram a relação entre a satisfação parental e o sexo dos pais apresentam resultados mistos. Alguns estudos indicam que os pais apresentam níveis mais elevados de satisfação parental, comparativamente com as mães (e.g., Johnston & Mash, 1989; Renk et al., 2003). Johnston e Mash (1989) e Renk et al. (2003) consideram que estes resultados poderão estar relacionados com diferenças nos papéis parentais na família. De facto, o papel do pai encontra-se frequentemente associado às atividades de brincadeira e o papel da mãe a atividades instrumentais (e.g., tarefas de cuidado, auxílio nos trabalhos de casa, e disciplinar a criança), podendo o primeiro grupo de atividades contribuir para uma maior satisfação parental, face ao segundo (Johnston & Mash, 1989), para além de que também a maior responsabilidade

assumida pelas mães nas atividades do dia a dia da vida dos filhos contribui para uma menor satisfação parental (Renk et al., 2003).

Num sentido contrário, outros estudos indicam que as mães apresentam níveis mais elevados de satisfação parental, comparativamente com os pais (e.g., Elek et al., 2003; Rogers & White, 1998). A satisfação parental encontra-se ainda significativamente correlacionada com a auto-eficácia no cuidado da criança (Elek et al., 2003). Acresce que as competências dos pais e das mães nem sempre são equivalentes, pelo que os níveis mais reduzidos de satisfação parental nos pais poderão estar relacionados com o seu desconforto e falta de confiança/competência na realização das actividades do dia a dia da vida das crianças, conduzindo amiúde à sobrecarga da mãe (Elek et al., 2003).

Os estudos apontam, em geral, para níveis elevados de satisfação parental, mas estes variam, em todas as categorias de pais, em função de um conjunto de fatores (Goetting, 1986). Este autor empreendeu uma revisão de literatura relativa à investigação dirigida para a satisfação parental, destacando a importância de diversos fatores. Alguns desses fatores serão apresentados no ponto 1.5 pela sua relevância para o presente estudo.

### **1.3.2 Expectativas Parentais**

#### **1.3.2.1 Definição e Considerações Gerais**

O termo “expectativas parentais” surge na literatura com várias definições. A definição mais utilizada é a de que as expectativas parentais são crenças realistas dos pais, ou julgamentos, acerca da realização dos filhos no futuro (ver Yanamoto & Holloway, 2010).

A maioria dos estudos sobre as expectativas parentais analisam o conceito em relação à transição para a parentalidade (e.g., Harwood, McLean, & Durkin, 2007; Pancer, Pratt, Hunsberger, & Gallant, 2000), o *timing* de aquisição de novas competências de desenvolvimento (e.g., Van Beek, Genta, Costabile, & Sansavini, 2006; Ren & Edwards, 2015), e à educação escolar e desempenho académico dos filhos (e.g., Low, 2015; Sonuga-Barke, Harrison, & Hart, 2000). No presente estudo consideram-se as expectativas parentais em relação ao papel parental (e.g., desempenho deste papel) e à criança (e.g., comportamento).

A investigação na área das expectativas parentais é muito escassa, e mais ainda com a operacionalização utilizada neste estudo. Tal limitação irá condicionar a extensão da revisão de literatura apresentada nos vários pontos dirigidos para as expectativas parentais.

Pancer, Pratt, Hunsberger, e Gallant (2000) avaliam as expectativas no período pré-natal acerca de “Como seria ser pai?” e a experiência real dos pais no período pós-natal. Os

resultados sugerem que as mulheres com expectativas mais complexas acerca do impacto que a parentalidade terá nas suas vidas adaptam-se melhor à parentalidade, comparativamente com as mulheres com expectativas menos complexas, o que não se verifica nos homens. Os autores consideram que esta diferença entre os homens e as mulheres pode estar relacionada com o facto de, em geral, os homens anteciparem um menor impacto da parentalidade na sua vida, comparativamente com as mulheres (Pancer, Pratt, Hunsberger, & Gallant, 2000). Outros autores mostram que, por um lado, as expectativas parentais positivas se encontram associadas com um ajustamento positivo ao papel de pai (mãe ou pai) e com experiências parentais positivas, e que as expectativas parentais negativas se encontram associadas com um ajustamento ao papel de pai (mãe ou pai) mais negativo e com experiências parentais negativas (e.g., Green & Kafetsios, 1997).

As expectativas dos pais em relação ao(s) filho(s) são, por vezes, irrealistas. Dix (1991) salienta que subjacente a estas expectativas irrealistas pode estar a incapacidade dos pais adotarem preocupações empáticas e orientadas para a criança, estando os pais mais orientados para as suas próprias preocupações e com a expectativa de que o(s) filho(s) se adaptem aos seus planos e às suas preocupações.

### **1.3.2.2 Diferenças entre Mães e Pais**

No que respeita às expectativas que as mães e os pais desenvolvem em relação ao desempenho do papel parental pela outra figura parental, os resultados do estudo de Biehle e Mickelson (2012) mostram que ambos os pais têm expectativas irrealistas durante a gravidez. Enquanto as expectativas das mães sobre a divisão das tarefas do dia a dia do cuidado da criança (e.g., alimentação, mudar fraldas, acordar durante a noite, acalmar a criança, lavar a roupa) e das atividades de brincadeira não foram alcançadas, realizando os pais menos tarefas do que as mães esperavam, as expectativas dos pais foram ultrapassadas, realizando as mães mais tarefas do que os pais esperavam (Biehle & Mickelson, 2012). Estes autores consideram mais provável que as expectativas não sejam alcançadas no caso dos pais (mães e pais) de primeiros filhos, visto que estas não são baseadas na sua experiência prévia, mas na esperança destes acerca de como a parentalidade irá decorrer, a qual se pode revelar problemática quando os pais (mães e pais) subestimam as dificuldades relativas à adaptação à parentalidade.

Os resultados do estudo de Flykt et al. (2009) mostram que, relativamente às expectativas que as mães e os pais desenvolvem para a futura relação entre a criança e a outra figura parental, nos pais as expectativas sobre a intimidade da relação mãe-criança são

correspondidas e as expectativas sobre a autonomia entre a mãe e a criança são ultrapassadas, e nas mães as expectativas relativas quer à intimidade, quer à autonomia da relação pai-criança não são alcançadas, o que vai de encontro ao estudo de Biehle e Mickelson (2012).

No caso do pai, as expectativas parentais parecem motivar o comportamento parental, na medida em que as expectativas relativas ao envolvimento instrumental e afetivo são preditores do envolvimento instrumental e dos relatos sobre o envolvimento afetivo posterior (Cook, Jones, Dick, & Singh, 2005).

#### **1.4 Relação do *Stress* Parental com a Satisfação e Expectativas Parentais**

Os estudos que consideram a relação entre o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais são muito escassos e focam populações e níveis etários distintos do considerado nesta pesquisa.

Os resultados do estudo de Crnic e Greenberg (1990) mostram que os acontecimentos e aborrecimentos do dia a dia geradores de *stress* estão associados a uma menor satisfação parental. Os autores referem a probabilidade de existir uma relação circular entre a percepção dos acontecimentos do dia a dia como geradores de *stress*, a insatisfação parental e a disfunção familiar.

Apesar de o estudo de Hill e Rose (2009) ser realizado com uma amostra de mães de adultos com deficiência intelectual, portanto, muito diferente da população do presente estudo, refira-se que a satisfação parental constituiu um mediador parcial da relação entre o comportamento adaptativo e o *stress* parental, e da relação entre o suporte familiar e o *stress* parental. Neste estudo, a satisfação parental revelou ser um preditor significativo do *stress* parental e foi responsável por 27% da variância do *stress* parental das mães.

Algumas das mães com níveis mais elevados de perturbação (*distress*) estão mais focadas nas suas preocupações pessoais, do que nas preocupações das crianças (Dix, 1991), demonstrando-se que estas mães apresentam expectativas parentais mais irrealistas que, ao não serem correspondidas pelas crianças, poderão contribuir para situações de mau-trato e/ou negligência (Azar, 1984). Também níveis mais altos de *stress* parental associados a expectativas mais elevadas face à criança podem conduzir ao desenvolvimento de problemas de comportamento de externalização nas crianças (Anthony et al., 2005).

No estudo de Flykt et al. (2009), os autores avaliaram de que forma, no pré parto, as expectativas das mães e dos pais sobre a intimidade e a autonomia na sua relação com a criança e na relação da(o) companheira(o) com a criança prediziam os níveis de *stress* parental durante

o primeiro ano de vida da criança. Os resultados mostram que as expectativas mais positivas de ambos os pais para a sua relação com a criança e para a relação da(o) companheira(o) com a criança (intimidade e autonomia) predizem níveis mais reduzidos de *stress* parental (Flykt et al., 2009). Os resultados revelam ainda que as expectativas relativas à intimidade da relação da(o) companheira(o) com a criança apresentam uma relação curvilínea inversa com o *stress* parental nas mães e nos pais, sendo que as expectativas moderadas estão associadas com níveis mais elevados de *stress* parental, comparativamente com as expectativas muito positivas ou muito negativas. Os autores colocam como hipóteses o facto de as expectativas moderadas estarem relacionadas com conflito ou com a ambivalência em perspetivar a relação da(o) companheira(o) no futuro, com a criança que vai nascer; no caso das expectativas muito positivas ou muito negativas não existiria esse conflito ou ambivalência, e poderia ocorrer uma dinâmica compensatória na família, em que uma das figuras parentais é emocionalmente distante da criança e a outra figura parental procura contrabalançar essa distância, desenvolvendo uma relação mais próxima com a criança.

### **1.5 Relação do *Stress* Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais com Variáveis Sociodemográficas (dos Pais e da Criança) e do Contexto Familiar**

Neste ponto considerar-se-ão algumas variáveis sociodemográficas, dos pais e da criança, que poderão influenciar as dimensões em estudo, em particular a idade e escolaridade das figuras parentais, o sexo e a idade da criança, bem como variáveis do contexto familiar, designadamente o número de filhos e o ser cuidador principal da criança, todas elas contempladas no estudo empírico desenvolvido. Como se terá oportunidade de apresentar todas estas variáveis conduzem a resultados mistos.

#### **1.5.1 *Stress* Parental**

A associação entre a idade dos pais e o *stress* parental parece ser curvilínea, experienciando as mães mais novas (adolescentes) (e.g., Bailey, 2015; Holdsworth, 1999) e as mães mais velhas (e.g., Östberg & Hagekull, 2000) níveis mais elevados de *stress* parental, em comparação com mães entre os 20 e os cerca de 30 e poucos anos (ver Bornstein, 2015). O *stress* parental nas mães adolescentes encontra-se associado com a violência verbal e física por parceiro íntimo, com os conflitos e as críticas dos pais das mães adolescentes em relação à educação dos seus filhos e com as dificuldades económicas (Larson, 2004; Spencer, Kalil,

Larson, Spieker, & Gilchrist, 2000). Por sua vez, as mães que têm o primeiro filho numa idade mais tardia enfrentam um contexto reprodutivo mais complexo e correm mais riscos biológicos, os quais aumentam a probabilidade de parto pré-termo e de baixo peso ao nascer (McMahon et al., 2015). Contudo as mães que têm o primeiro filho numa idade mais tardia beneficiam geralmente de circunstâncias familiares e sociais mais positivas e de competências pessoais associadas com a idade (McMahon et al., 2015).

No que diz respeito à escolaridade das figuras parentais, alguns estudos indicam que a menor escolaridade dos pais se associa com níveis mais elevados de *stress* parental (e.g., Ma, Wong, Lau, & Lai, 2011; Santos, Narciso, & Ribeiro, 2009). Esta associação poderá dever-se ao facto de, geralmente, o nível de escolaridade estar positivamente correlacionado com as condições socioeconómicas dos indivíduos, e as piores condições socioeconómicas contribuírem para o aumento do *stress* parental (Östberg & Hagefull, 2000).

Passando agora às variáveis sociodemográficas da criança, no que respeita ao sexo, os estudos apresentam, mais uma vez, resultados inconsistentes, indicando alguns níveis de *stress* parental mais elevados nas mães de rapazes (e.g., Scher & Sharabany, 2005), enquanto outros não apresentam diferenças nos níveis de *stress* parental em função do sexo da criança (e.g., Putnick et al., 2010; Williford, Calkins, & Keane, 2007). Deater-Deckard (2004) considera que, provavelmente, as diferenças encontradas não se devem ao sexo biológico das crianças, mas antes ao facto de os rapazes apresentarem, geralmente, mais problemas de comportamento do que as raparigas. Aliás, o castigo físico é mais aplicado pelas mães e pelos pais aos rapazes, do que às raparigas (Lytton & Romney, 1991), eventualmente pela mesma razão.

Num estudo que analisou a associação da variável intensidade emocional com o sexo da criança em relação com a variável *stress* parental, verificou-se que os pais de rapazes e as mães de raparigas apresentavam níveis de *stress* parental mais elevados, e que os pais de raparigas emocionalmente menos intensos e as mães de rapazes emocionalmente menos intensos apresentavam níveis de *stress* parental mais reduzidos comparativamente com os pais de raparigas emocionalmente mais intensos e as mães de rapazes emocionalmente mais intensos, respetivamente (McBride, Schoppe, & Rane, 2002). A relação da variável intensidade emocional com o *stress* parental nos pais de rapazes e nas mães de raparigas não foi significativa.

De referir que, como se tem verificado que as mães e os pais tendem a encorajar a realização de atividades típicas de género (Lytton & Romney, 1991), alguns autores colocam

a hipótese de que a discrepância entre este tipo de atividades e o sexo biológico da criança constitua um potencial fator de *stress* parental (e.g., Deater-Deckard, 2004).

A idade da criança é uma outra variável que tem sido relacionada com o *stress* parental, não revelando, contudo, os estudos uma associação direta e forte entre elas (ver Deater-Deckard, 2004). Na revisão de literatura realizada por este autor, sobressai que, embora os resultados de alguns estudos mostrem níveis mais elevados de *stress* parental nos pais de crianças mais novas, noutros estudos não se verifica uma associação do *stress* parental com a idade ou, a existir, ela é de baixa magnitude. É importante ter-se em consideração que esta idade introduz variações nas suas capacidades e funcionamento, por exemplo em termos de comportamento e na autonomia, para além de que a avaliação que os pais fazem do comportamento relaciona-se com as suas expectativas sobre a capacidade de autocontrolo da criança ao longo do seu desenvolvimento e influencia os níveis de *stress* parental experimentados (ver Deater-Deckard, 2004).

No que respeita à idade escolar (6-12 anos), este período caracteriza-se por um conjunto de mudanças na vida das crianças, que inclui a maturação física, o desenvolvimento de capacidades cognitivas e de aprendizagem, o aumento do conhecimento formal e informal, o desenvolvimento das funções do *self* e da autorregulação, o alargamento das redes sociais, o aumento da vulnerabilidade ao *stress*, e a exposição a novos contextos e oportunidades (Collins et al., 2002). Em geral, estas mudanças promovem alterações quer nas responsabilidades e nas exigências impostas às crianças, quer na relação pais-filhos. Uma alteração significativa é a redução do tempo despendido pelas crianças com a família e a menor frequência da interação entre pais e filhos, em comparação com o tempo despendido e a frequência da interação com os pares e outros adultos (não pertencentes à família), tendo os pais que se adaptar a estas mudanças e enfrentar os desafios acrescidos que delas resultam (Collins et al., 2002), o que pode ser também gerador de *stress*.

Como se mencionou anteriormente, incluíram-se também no estudo duas variáveis do contexto familiar, nomeadamente o número de filhos e o cuidador principal da criança. Poucos estudos consideram a influência do número de filhos no *stress* parental. Contudo, alguns estudos indicam que o maior número de filhos se associa com níveis mais elevados de *stress* parental nas mães (e.g., Östberg & Hagefull, 2000; Santos et al., 2009), reforçando outros a influência do número de filhos não só no aumento dos níveis de *stress*, mas também no conflito trabalho-família e na sobrecarga de trabalho para as mulheres (Lundberg, Mårdberg, & Frankenhaeuser, 1994; Pearson, 2008). Relativamente ao cuidador principal da criança, tal

como já foi referido, verifica-se que as mulheres ainda tendem a ser, na maioria dos casos, as cuidadoras principais dos filhos (Cholensky, 2015; Lamb & Lewis, 2004; Lima, Serôdio, & Cruz, 2011; Monteiro, Veríssimo et al., 2010), pelo que estas experimentam uma maior sobrecarga que poderá resultar em níveis mais elevados de *stress* parental, comparativamente com os pais (Narkunam et al., 2014). No sentido contrário, a investigação desenvolvida por Santos (2011), com mães de crianças em idade escolar, mostra que ser o cuidador principal da criança não se relaciona com o *stress* parental. Importa referir que, no estudo de Santos (2011), se utilizou a versão extensa PSI e não a versão reduzida, usada no presente estudo.

### **1.5.2 Satisfação e Expectativas Parentais**

Importa reportar que, pelo que foi possível constatar a partir da revisão de literatura realizada, poucos estudos focam as variáveis sociodemográficas em análise, na idade escolar. No que diz respeito às expectativas parentais parece não existir mesmo literatura sobre a relação desta dimensão com as variáveis sociodemográficas e do contexto familiar, em estudo, pelo que a revisão de literatura apresentada de seguida foca somente a relação entre a satisfação parental e as variáveis sociodemográficas e do contexto familiar.

Relativamente à relação da satisfação parental com a idade dos pais (mães e pais), apesar do estudo de Ragozin, Basham, Crnic, Greenberg, e Robinson (1982) não ser recente, e de a amostra ser constituída por mães de bebés, os seus resultados apontam para que as mães mais velhas apresentam níveis mais elevados de satisfação parental.

A escolaridade das figuras parentais constitui uma variável importante no estudo da satisfação parental. Na linha do verificado face às outras variáveis, os resultados dos estudos que a analisam são inconsistentes. Goetting (1986) conclui, a partir da revisão de literatura realizada, que a maior escolaridade dos pais (mães e pais) está negativamente associada com a satisfação parental. Como explicação para este dado considerou as sugestões de alguns dos autores dos estudos analisados (ver Goetting, 1986), especificamente que a menor satisfação parental dos pais (mães e pais) com um nível de instrução mais alto se deverá à sua maior consciência dos aspectos positivos e negativos da parentalidade. Acresce que o papel parental poderá constituir um foco mais importante na vida dos pais com menos escolaridade, uma vez que os pais com mais escolaridade valorizam outros papéis nas suas vidas e possuem outros recursos para o bem-estar psicológico (ver Goetting, 1986).

Outros autores verificam que a maior escolaridade das mães se encontra associada a uma maior auto-eficácia na parentalidade que, por sua vez, resulta em níveis mais elevados de

satisfação parental (Coleman & Karraker, 2000). Neste estudo não se verificou, assim, uma relação direta entre a escolaridade dos pais e a satisfação parental. Por sua vez, os resultados do estudo de Ferreira et al. (2014) indicam que as mães com mais escolaridade se percebem como menos eficazes no papel parental e que os pais com mais escolaridade apresentam maior satisfação parental global. Um estudo clássico, de Chilman (1979), apresenta resultados contrários aos dos estudos anteriores, não se verificando diferenças nos níveis de satisfação parental em função da escolaridade dos pais.

Também a influência do sexo da criança na satisfação parental apresenta resultados inconsistentes. Alguns estudos não identificam diferenças significativas nos níveis de satisfação parental entre os pais (mães e pais) de rapazes e de raparigas (e.g., Bornstein et al., 2003; Chilman, 1979), enquanto outros estudos reportam níveis de satisfação parental superiores nos pais de rapazes, comparativamente com os pais de raparigas (e.g., De Luccie, 1996; Elek et al., 2003; Hudson, Elek, & Fleck, 2001). No estudo longitudinal de Elek et al. (2003), realizado com pais de bebés, verificou-se que a diferença nos níveis de satisfação parental reportada aos 12 meses de idade do bebé, em função do sexo da criança, não se tinha verificado aos 4 meses de idade, o que mostra que a influência do sexo da criança na satisfação parental pode variar de acordo com a idade da criança. Uma vez que os resultados obtidos por alguns autores mostram um maior envolvimento dos pais com as crianças do sexo masculino (e.g., Monteiro, Fernandes et al., 2010), é possível que os níveis de satisfação parental superiores nos pais de rapazes decorram, pelo menos em parte, deste maior envolvimento. Por sua vez, o facto de, ao longo da infância, as crianças se envolverem mais em brincadeiras tipicamente relacionadas com o género, a par da preferência do pai pela participação em actividades de brincadeira, poderá contribuir para o aumento da satisfação parental no pai dos rapazes (ver Elek et al., 2003). Os autores colocam ainda a hipótese de o pai se sentir mais confiante a cuidar de crianças do sexo masculino. Refira-se que, no estudo em causa, o sexo da criança não influenciou os níveis de satisfação parental das mães em nenhum dos períodos de avaliação (aos 4 meses e aos 12 meses após o nascimento do primeiro filho) (Elek et al., 2003).

De forma inconsistente com os resultados antes descritos, alguns estudos reportam níveis de satisfação parental superiores nos pais de raparigas, em comparação com os pais de rapazes (e.g., Lowenthal et al., 1975, citados por Goetting, 1986), existindo ainda autores que não identificam diferenças nos níveis de satisfação parental com base no sexo da criança (Bornstein et al., 2003). Estes autores, apesar de não terem encontrado diferenças em função do sexo da criança, consideram que, quando elas são no sentido de maior satisfação nas mães

das raparigas, poderão dever-se ao facto de as crianças do sexo feminino proporcionarem às mães uma auto-avaliação mais favorecida da sua competência e satisfação como figuras parentais, comparativamente com as crianças do sexo masculino, que tendem a apresentar mais problemas de comportamento (Deater-Deckard, 2004), e por isso colocam dificuldades acrescidas no exercício do papel parental.

A idade da criança é também uma variável sociodemográfica considerada em alguns estudos que analisam a satisfação parental. Mais uma vez, os resultados são mistos, reportando alguns autores níveis mais elevados de satisfação parental nos pais de crianças mais velhas, comparativamente com os pais de crianças mais novas (e.g., Abrantes & Matos, 2010), enquanto outros referem resultados contrários, com os pais de crianças mais novas a referirem níveis mais elevados de satisfação parental (e.g., De Luccie, 1996; Nomaguchi, 2012). Acresce que se tem igualmente verificado que não existem diferenças nos níveis de satisfação parental em função da idade da criança (e.g., Rogers & White, 1998). Abrantes e Matos (2010) colocam como hipótese explicativa dos níveis mais elevados de satisfação parental nos pais de crianças mais velhas o facto de estes pais serem mais experientes, o que lhes permite construir uma narrativa mais coerente do que é ser pai/mãe.

No que respeita à relação com variáveis do contexto familiar, verifica-se que não existem estudos sobre a relação do número de filhos com as expectativas parentais, nem estudos que relacionem a satisfação e as expectativas parentais com o cuidador principal da criança. Os estudos que relacionam a satisfação parental com o número de filhos são escassos e apresentam resultados inconsistentes (ver Goetting, 1986). De facto, alguns deles não reportam diferenças significativas nos níveis de satisfação parental com base no número de filhos (e.g., Rogers & White, 1998; Vieira & Matos, 2011), enquanto outros, como o estudo de Marini (1980), indicam que o número de filhos tem um efeito negativo directo na satisfação parental, sendo este efeito negativo superior nos pais (face às mães). Este autor considera como hipótese explicativa, para o efeito negativo, o facto de o maior número de filhos colocar mais exigências sobre os recursos financeiros dos pais. Apesar de o estudo de Nye, Carlson, e Garrett (1970) não ser recente, refira-se que ele indica uma relação curvilínea entre o número de filhos e a atitude das mães para com o seu papel materno - as mães com apenas um filho e as mães com mais de quatro filhos mostram-se mais satisfeitas, comparativamente com as mães com três ou quatro filhos. Uma possível explicação para os níveis de satisfação parental mais elevados nas mães com mais de três filhos é a colaboração dos outros filhos na realização das tarefas necessárias (Weisner & Gallimore, 1977, citados por Goetting, 1986), mas certamente que a

diferença de idades entre os filhos será relevante. Importa referir que as amostras dos estudos apresentados diferiram entre si na dimensão das famílias, o que pode ter contribuído para a inconsistência de resultados constatada.

Este trabalho é relevante na medida em que se espera contribuir para aprofundar o conhecimento sobre o *stress* parental, promover um entendimento da relação do *stress* parental com as dimensões satisfação e expectativas parentais, a carecer de estudo, e aumentar ainda o conhecimento relativo à satisfação e expectativas parentais, que é reduzido, sobretudo no caso da última dimensão. Acresce que a investigação na área da parentalidade se tem debruçado essencialmente nos aspetos negativos (Oliveira & Costa, 2005). Salienta-se que, no que respeita à investigação referente à satisfação decorrente dos papéis familiares, são inúmeros os estudos sobre a satisfação conjugal e em muito menor número os que focam a satisfação parental, na perspetiva do adulto (Oliveira & Costa, 2005), pelo que o presente estudo se revela pertinente e espera-se que constitua um contributo válido para a investigação nesta área.

## 2. Objetivos e Hipóteses

Neste ponto são apresentados os objetivos e as hipóteses do presente estudo.

### 2.1 Objetivos

**Objetivo 1:** Analisar se ocorrem diferenças no *Stress* Parental (Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai) e na Satisfação e Expectativas Parentais num grupo de mães (G1) e num grupo de pais (G2) de crianças em idade escolar.

**Objetivo 2:** Explorar a relação entre o *Stress* Parental (Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança) e a Satisfação e Expectativas Parentais em cada um dos grupos.

**Objetivo 3:** Averiguar a relação do *Stress* Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais com variáveis sociodemográficas das figuras parentais (Idade e Escolaridade) e da criança (Sexo e Idade), e com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança) em ambos os grupos.

### 2.2 Hipóteses

Em seguida, são apresentadas as hipóteses correspondentes aos objetivos do presente estudo, formuladas com base na revisão de literatura apresentada no ponto 1.

Relativamente ao **Objetivo 1** definem-se as seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** Espera-se que as mães apresentem níveis mais elevados de *stress* parental, comparativamente com os pais.

**Hipótese 2:** Espera-se que as mães apresentem níveis mais elevados de satisfação parental e expectativas parentais mais positivas, comparativamente com os pais.

No que respeita ao **Objetivo 2** coloca-se a seguinte hipótese:

**Hipótese 3:** Espera-se que níveis mais elevados de *stress* parental se associem com níveis mais baixos de satisfação parental e com expectativas parentais menos positivas em ambos os grupos.

Em relação ao **Objetivo 3** formulam-se as seguintes hipóteses:

**Hipótese 4:** Espera-se que pelo menos uma das variáveis sociodemográficas das figuras parentais (Idade / Escolaridade) se encontre associada com pelo menos uma das dimensões em estudo (G1 ou G2).

**Hipótese 5:** Espera-se que pelo menos uma das variáveis sociodemográficas da criança (Sexo / Idade) se encontre associada com pelo menos uma das dimensões em estudo (G1 ou G2).

**Hipótese 6:** Espera-se que pelo menos uma das variáveis do contexto familiar (Número de Filhos / Cuidador Principal da Criança) se encontre associada com pelo menos uma das dimensões em estudo (G1 ou G2) .

### 3. Método

#### 3.1 Participantes

Neste ponto é apresentada a caracterização sociodemográfica dos participantes do presente estudo, o qual está integrado numa investigação mais lata (em curso) dirigida para a parentalidade, da responsabilidade de Salomé Vieira Santos e Isabel Narciso (docentes da Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa). A caracterização foi realizada com base na informação obtida através do Questionário Sociodemográfico e de Desenvolvimento criado por aquelas autoras no âmbito da investigação antes mencionada.

No total, participaram no presente estudo 128 indivíduos, figuras parentais de crianças em idade escolar, pertencentes a dois grupos (independentes):

Grupo 1 (G1) – Mães ( $N = 68$ );

Grupo 2 (G2) – Pais ( $N = 60$ ).

##### 3.1.1 Caracterização Sociodemográfica das Mães

Participaram no estudo 68 mães de crianças em idade escolar (6 - 12 anos). A média de idades das mães é de 40.14 anos ( $DP = 5.43$ ), com uma idade mínima de 29 anos e uma idade máxima de 52 anos.

No que se refere ao nível de escolaridade (Quadro 1), salienta-se que a maioria das mães tem 10 a 12 anos de escolaridade/ensino técnico-profissional (40.3%) ou concluiu o Ensino Superior (32.8%). Apenas uma mãe (1.5%) tem 4 anos (ou menos) de escolaridade.

#### Quadro 1

*Nível de Escolaridade das Mães – Frequências (f) e Percentagens (%)*

	4 anos (ou menos)	5 a 6 anos	7 a 9 anos	10 a 12 anos/Ensino Técnico-Profissional	Ensino Superior
f	1	3	14	27	22
(%)	(1.5)	(4.5)	(20.9)	(40.3)	(32.8)

$N = 67$

No Quadro 2 são apresentadas as frequências e as percentagens relativas ao grupo profissional das mães. As mães distribuem-se por todos os grupos profissionais incluídos na Classificação Portuguesa das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011), com exceção do Grupo 0 “Profissionais das Forças Armadas”. Consta-se que a maior parte das mães pertence ao Grupo 2 “Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas” (41.1%) e ao Grupo 5 “Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores” (37.5%).

## Quadro 2

*Grupo Profissional das Mães – Frequências (f) e Percentagens (%)*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
f	1	23	3	2	21	1	1	1	3
(%)	(1.8)	(41.1)	(5.4)	(3.6)	(37.5)	(1.8)	(1.8)	(1.8)	(5.4)

$N = 56$

*Nota:* Grupos de 1 a 9 de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011): 1 – Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos; 2 – Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas; 3 – Técnicos e Profissões de Nível Intermédio; 4 – Pessoal Administrativo; 5 – Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores; 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta; 7 – Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices; 8 – Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem; 9 – Trabalhadores Não Qualificados.

Quanto à situação laboral das mães ( $N = 66$ ), destaca-se que a maioria trabalha a tempo inteiro (81.8%) e apenas 4.5% a tempo parcial; 13.6% encontram-se numa situação de desemprego.

Relativamente ao estado civil, a maioria das mães é casada ou vive em união de facto (97.1%) e duas mães são divorciadas ou separadas (2.9%).

### 3.1.2 Caracterização Sociodemográfica dos Pais

Participaram no estudo 60 pais de crianças em idade escolar (6 - 12 anos). A média de idades dos pais é de 42.69 anos ( $DP = 6.69$ ), com uma idade mínima de 29 anos e uma idade máxima de 57 anos.

No que se refere ao nível de escolaridade (Quadro 3), salienta-se que 43.3% dos pais têm 10 a 12 anos de escolaridade/ensino técnico-profissional, tendo 23.3% 7 a 9 anos de escolaridade e igual percentagem o Ensino Superior (23.3%).

### Quadro 3

*Nível de Escolaridade dos Pais – Frequências (f) e Percentagens (%)*

	4 anos (ou menos)	5 a 6 anos	7 a 9 anos	10 a 12 anos/Ensino Técnico-Profissional	Ensino Superior
f	2	4	14	26	14
(%)	(3.3)	(6.7)	(23.3)	(43.3)	(23.3)

*N = 60*

No Quadro 4 são apresentadas as frequências e as percentagens relativas ao grupo profissional dos pais. Os pais distribuem-se por todos os grupos profissionais, de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011), à exceção do Grupo 0 “Profissionais das Forças Armadas”, tal como acontece com as mães. Consta-se que 22.2% dos pais pertence ao Grupo 2 “Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas”, que o mesmo número de pais pertence ao Grupo 7 “Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices” (22.2%) e que 16.7% pertencem ao Grupo 1 “Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos”.

### Quadro 4

*Grupo Profissional dos Pais – Frequências (f) e Percentagens (%)*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
f	9	12	3	1	6	1	12	6	4
(%)	(16.7)	(22.2)	(5.6)	(1.9)	(11.1)	(1.9)	(22.2)	(11.1)	(7.4)

*Nota:* Grupos de 1 a 9 de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011): 1 – Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos; 2 – Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas; 3 – Técnicos e Profissões de Nível Intermédio; 4 – Pessoal Administrativo; 5 – Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores; 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta; 7 – Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices; 8 – Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem; 9 – Trabalhadores Não Qualificados. *N = 54*

Quanto à situação laboral dos pais ( $N = 59$ ), destaca-se que a maioria trabalha a tempo inteiro (84.7%) e que 15.3% se encontram numa situação de desemprego.

No que diz respeito ao estado civil a maioria dos pais é casada ou vive em união de facto (96.7%) e dois pais são divorciados ou separados (3.3%).

De referir que os dois grupos de participantes se distinguem relativamente à idade [ $t(123) = -2.36, p = .020$ ], mas são homogéneos quanto ao nível de escolaridade [ $\chi^2(5) = 2.58, p = .765$ ], à situação laboral [ $\chi^2(2) = 2.77, p = .250$ ] e ao estado civil [ $\chi^2(1) = .02, p = .899$ ].

### 3.1.3 Caracterização Sociodemográfica das Crianças-Alvo

No que se refere às crianças-alvo, no grupo das mães (G1) 34 são do sexo feminino (50.7%) e 33 do sexo masculino (49.3%) para um total de 67; no grupo dos pais (G2), 33 crianças são do sexo feminino (55%) e 27 do sexo masculino (45%). As suas idades variam, como se referiu, entre os 6 e os 12 anos, sendo que no G1 a média de idades das crianças é 8.66 anos ( $DP = 1.71$ ) e no G2 é 8.63 anos ( $DP = 1.74$ ).

No Quadro 5 são apresentadas as frequências e as percentagens relativas ao ano de escolaridade das crianças dos dois grupos. No G1 as crianças frequentam do 1º ao 6º ano de escolaridade, e no G2 do 1º ao 7º ano. Salienta-se que no G1 73.1% das crianças frequentam o 1º Ciclo, e no G2 o mesmo acontece com 73.3% das crianças.

#### Quadro 5

*Ano de Escolaridade da Criança (G1 e G2) – Frequências (f) e Percentagens (%)*

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano	7º Ano
G1 f (%)	15 (22.4)	10 (14.9)	12 (17.9)	12 (17.9)	10 (14.9)	8 (11.9)	-
G2 f (%)	14 (23.3)	10 (16.7)	11 (18.3)	9 (15)	7 (11.7)	8 (13.3)	1 (1.7)

$N(G1) = 67, N(G2) = 60$

O G1 e o G2 são homogéneos face ao sexo [ $\chi^2(1) = .23, p = .632$ ] e à escolaridade [ $\chi^2(6) = 1.66, p = .632$ ] da criança, e também não se diferenciam na idade [ $t(126) = .09, p = .926$ ].

### 3.1.4 Caracterização de Variáveis do Contexto Familiar

Relativamente ao número de filhos, no caso das mães, a média do número de filhos é 1.97 ( $DP = .71$ ), com um número mínimo de um filho e um número máximo de quatro filhos. Mais de metade das mães tem dois filhos (54.4%), um quarto das mães tem um filho (25%), 19.1% têm três filhos e apenas uma mãe (1.5%) tem quatro filhos. No caso dos pais, o número de filhos é, em média, 2.05 ( $DP = 0.89$ ), com um número mínimo de um filho e um número máximo de quatro filhos. Quase metade dos pais tem dois filhos (46.7%), 28.3% têm um filho, 16.7% têm três filhos e 8.3% têm quatro filhos. Os dois grupos de participantes não se distinguem em relação ao número de filhos [ $t(126) = -.56, p = .577$ ].

No que se refere ao tipo de família (Quadro 6), verifica-se que a grande maioria das mães e dos pais vive numa família nuclear ( $G1 = 89.1\%$ ;  $G2 = 85.7\%$ ). Das três famílias monoparentais femininas, uma é também alargada, e das duas famílias monoparentais masculinas, uma é igualmente alargada.

#### Quadro 6

*Tipo de Família (G1 e G2) – Frequências (f) e Percentagens (%)*

	Nuclear	Monoparental feminina	Monoparental masculina	Reconstruída	Nuclear alargada
G1 f (%)	57 (89.1)	3 (4.7)	-	4 (6.3)	-
G2 f (%)	48 (85.7)	-	2 (3.6)	5 (8.9)	1 (1.8)

$N(G1) = 64, N(G2) = 56$

Os grupos são homogéneos em relação ao tipo de família [ $\chi^2(5) = 4.37, p = .498$ ]. No que diz respeito ao cuidador principal da criança (Quadro 7), salienta-se que, na maioria dos casos, ambos os pais são os cuidadores principais da criança ( $G1 = 63.8\%$ ;  $G2 = 65.4\%$ ) e que em mais de um quarto dos casos a mãe é a cuidadora principal ( $G1 = 29.3\%$ ;  $G2 = 26.9\%$ ). Os grupos também são homogéneos nesta variável [ $\chi^2(7) = 6.28, p = .507$ ]

## Quadro 7

*Cuidador Principal da Criança (G1 e G2) – Frequências (f) e Percentagens (%)*

	Ambos os pais	Mãe	Pai	Pais e avós	Pais e madrasta	Mãe e avós
G1 f (%)	37 (63.8)	17 (29.3)	2 (3.4)	1 (1.7)	-	1 (1.7)
G2 f (%)	34 (65.4)	14 (26.9)	2 (3.8)	-	2 (3.8)	-

$N(G1) = 58, N(G2) = 52$

### 3.2 Instrumentos

Neste ponto são apresentados os instrumentos utilizados para avaliar as dimensões em estudo (*Stress Parental* e *Satisfação e Expectativas Parentais*) e o Questionário Sociodemográfico e de Desenvolvimento que permitiu fazer a caracterização sociodemográfica dos participantes e de outras variáveis incluídas no estudo (designadamente do contexto familiar).

#### 3.2.1 Índice de *Stress Parental* – Versão Reduzida

O Índice de *Stress Parental* (ISP) constitui a adaptação portuguesa do *Parenting Stress Index* (PSI) de R. Abidin (1995; ver também Abidin & Santos, 2003, para a adaptação portuguesa), utilizando-se neste estudo a versão reduzida do instrumento.

O Índice de *Stress Parental* – Versão Reduzida (ISP-VR), cuja versão portuguesa foi desenvolvida por Santos (2008a), é um questionário para aplicação individual a pais (mãe ou pai) que tem como objetivo avaliar a intensidade do *stress* que ocorre no sistema pais-criança.

O instrumento é composto por 36 itens retirados da versão original e distribuídos por três subescalas: a subescala Dificuldade Parental (avalia a dificuldade experimentada no papel parental relacionada com características parentais diretamente associadas com a parentalidade), a subescala Criança Difícil (avalia as percepções dos pais acerca das características comportamentais da criança e em relação com a sua capacidade de auto-regulação) e a subescala Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança (avalia as percepções dos pais de que a criança não satisfaz as expectativas parentais e de que a interação com ela não conduz a que se sintam reforçados no seu papel parental) (Abidin, 1995). O ISP-VR permite obter ainda um resultado Total (que avalia o nível global de *stress* experimentado pela figura parental). Os

resultados mais altos no Total e nas subescalas correspondem a níveis mais elevados de *stress* parental (e.g., Santos, 2008a).

Os itens do instrumento são respondidos de acordo com uma escala de resposta de tipo Likert, de cinco pontos (desde 1 - “Discordo Completamente” até 5 - “Concordo Completamente”). O tempo médio de aplicação é de 10 minutos (Santos, 2008a).

Em termos de consistência interna, na versão portuguesa do instrumento (Santos, 2008a) o coeficiente *alpha* para o Total é .89, sendo .82 para a subescala Dificuldade Parental, .77 para a Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança e .71 para a subescala Criança Difícil. No presente estudo, os valores para as mesmas medidas são, no G1, .89, .75, .83 e .88, e no G2 .91, .74, .86 e .85.

### **3.2.2 Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais**

O Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais (Narciso & Santos, 2011) encontra-se ainda em estudo. Avalia a satisfação e as expectativas dos pais na relação com os filhos. É um questionário para aplicação individual a pais (mãe ou pai).

O instrumento inclui 6 itens distribuídos por duas dimensões: Satisfação Parental (avalia a satisfação da figura parental relativamente à relação com o(a) filho(a), ao seu comportamento, e ao desempenho do papel parental) e Expectativas Parentais (avalia o confronto entre a expectativa e a realidade percebida pelos pais relativamente à relação com o(a) filho(a), ao seu comportamento, e ao desempenho do papel parental).

A resposta aos itens é feita com base numa escala de tipo Likert, de cinco pontos. Na subescala de Satisfação Parental, a resposta varia desde 1 - “Muito insatisfeito(a)” até 5 - “Muito Satisfeito(a)”, e na subescala de Expectativas Parentais varia desde 1 - “Muito pior do que esperava” até 5 - “Muito melhor do que esperava”.

No que se refere à consistência interna, no presente estudo os coeficientes de *alpha* para as subescalas de Satisfação Parental e Expectativas Parentais são, respectivamente, .89 e .78 no G1, e .82 e .92 no G2.

### **3.2.3 Questionário Sociodemográfico e de Desenvolvimento**

O Questionário Sociodemográfico e de Desenvolvimento, criado em 2014 por Narciso e Santos, possibilita a obtenção de informação sociodemográfica acerca dos pais (mãe e pai) e da criança, bem como de informação relativa ao desenvolvimento da criança-alvo.

O Questionário é composto por questões distribuídas por duas partes: Dados relativos à/ao Participante e Dados relativos à Criança. Na primeira parte, é obtida informação sociodemográfica referente ao participante e relativa ao contexto familiar (e.g., idade, escolaridade, profissão, situação laboral, estado civil, número de filhos, número de filhos da atual relação, tipo de família). Na segunda parte, o participante fornece informação sociodemográfica referente à criança (e.g., sexo, idade), e informação relativa ao desenvolvimento da mesma (e.g., gravidez, parto, existência ou não de problemas físicos, psicológicos e/ou de desenvolvimento, internamentos, apoios e equipamentos que a criança frequentou) e à escolaridade (ano que frequenta, reprovações, aproveitamento escolar). Inquire-se ainda sobre quem é o cuidador principal da criança. No presente estudo foi integrada apenas alguma da informação contemplada na Ficha, como ficou patente no ponto 3.1.

### **3.3 Procedimento**

O presente estudo insere-se, como se referiu antes, numa investigação mais alargada no âmbito da parentalidade, da responsabilidade de Salomé Vieira Santos e de Isabel Narciso, docentes da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

A recolha de dados foi realizada em conjunto com o Mestrando Pedro Fernandes Flávio e decorreu entre o mês de Fevereiro e o mês de Junho de 2015, nos distritos de Leiria, Lisboa e Montargil (distrito de Portalegre).

Em Leiria, a recolha foi feita nas turmas de catequese, do 1º ao 6º ano, da Paróquia de Alqueidão da Serra Leiria/Fátima, e através do procedimento “Bola-de-Neve”. Após obtida a devida autorização do pároco, foi estabelecido contacto com os catequistas de forma a solicitar a sua colaboração. O contacto ocorreu no dia de catequese da turma de cada catequista. Nas turmas do 1º ano e do 2º ano, os catequistas entregaram aos pais um envelope com o material da investigação. Nas restantes turmas, os envelopes foram entregues através das crianças.

O envelope continha dois envelopes, um para a mãe e outro para o pai da criança. Cada envelope incluía o material da investigação: (a) o documento com a apresentação do estudo e com o pedido de colaboração, onde constava, por exemplo, a especificação do carácter voluntário da participação, a garantia da confidencialidade das respostas e do anonimato das mesmas e a indicação de um contacto para o esclarecimento de dúvidas e para o fornecimento de informação sobre os resultados após a sua conclusão, (b) a Declaração de Consentimento Informado, (c) os instrumentos da investigação alargada onde se incluíam os do presente

estudo. Após o preenchimento dos instrumentos, os participantes devolveram o material, em envelope fechado, aos catequistas que o fizeram chegar à investigadora.

Em Lisboa, a recolha foi feita através do método “Bola-de-Neve”. Em Montargil (distrito de Portalegre) a recolha teve a participação, como se referiu, do Mestrando Pedro Fernandes Flávio, decorrendo nas turmas do 1º ciclo da Escola Básica Integrada 1,2,3 de Montargil. Quer em Lisboa, quer em Montargil o material da investigação foi o já acima descrito. No caso de Montargil os Professores da criança constituíram-se como os intermediários no contacto com os pais. No caso de Lisboa, após o preenchimento, o material era devolvido diretamente à investigadora em hora e local previamente combinados.

A participação dos pais (mãe e pai) realizou-se numa única vez, com uma duração aproximada de 45 minutos.

### **3.4 Procedimentos Estatísticos**

A análise estatística dos dados do presente estudo foi elaborada através do programa SPSS – versão 22 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Recorreu-se à estatística descritiva para determinar a média, o desvio-padrão, e os valores mínimo e máximo (variáveis contínuas) e para calcular as frequências e as percentagens (variáveis categoriais e dicotómicas).

De forma a obter uma medida do grau de correlação ou associação entre as variáveis utilizaram-se as seguintes técnicas estatísticas: o coeficiente de correlação de Pearson (*Pearson Product Moment Correlation Coefficient*) para a relação linear entre variáveis métricas, o coeficiente de Spearman (*Spearman Rank-Order Correlation Coefficient*) para a relação linear entre variáveis métricas e variáveis ordinais, recorrendo-se ainda ao coeficiente bisserial por pontos para a relação linear entre variáveis métricas e dicotómicas. Recorreu-se igualmente ao teste t de Student para a comparação de dois grupos independentes.

Por fim, para testar a consistência interna dos instrumentos utilizados no estudo procedeu-se ao cálculo dos coeficientes alfa de Cronbach.

## **4. Resultados**

Neste ponto são apresentados os resultados obtidos para os dois grupos de participantes (G1 – Mães de crianças em idade escolar; G2 – Pais de crianças em idade escolar), tendo em consideração a ordem dos objetivos definidos no presente estudo.

### **4.1 Análise Comparativa do *Stress* Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais**

Com vista a averiguar se existem diferenças significativas entre os resultados obtidos pelos dois grupos no *stress* parental - avaliado através do Índice de *Stress* Parental - Versão Reduzida (Abidin, 1995; Santos, 2008a), e na satisfação e expectativas parentais - avaliadas com o Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais (Narciso & Santos, 2011), efectuou-se uma análise comparativa dos grupos recorrendo-se ao teste t de Student.

#### **4.1.1 Comparação entre Mães e Pais no *Stress* Parental**

Apresentam-se no Quadro 8 os resultados referentes à comparação das respostas das mães e dos pais ao Índice de *Stress* Parental - Versão Reduzida.

Observa-se que ocorre uma diferença marginalmente significativa, mas muito próxima da significância estatística relativamente à subescala Dificuldade Parental, obtendo as mães uma média mais alta, comparativamente com os pais. Nas restantes subescalas e no Total não ocorrem diferenças significativas entre os grupos. Apesar disso, saliente-se que o G1 obtém um resultado um pouco mais alto no Total e que o G2 alcança resultados um pouco mais elevados nas subescalas Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança.

### Quadro 8

*Comparação das Respostas das Mães (G1) e dos Pais (G2) no Stress Parental – Médias (M), Desvios-Padrão (DP), Valores de t e Valores de p*

	G1		G2		t	p
	M	DP	M	DP		
Pais	28.33	11.03	25.11	5.85	1.95	.053
Criança	22.57	7.19	24.00	9.19	-.96	.337
Interação	18.40	4.60	18.53	5.30	-.14	.886
Total	68.62	18.08	67.89	17.45	.22	.828

*Nota:* Pais – Dificuldade Parental; Criança – Criança Difícil; Interação – Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança; Total – Escala Total

#### 4.1.2 Comparação entre Mães e Pais na Satisfação Parental

No Quadro 9 estão indicados os resultados respeitantes à comparação das respostas das mães e dos pais na dimensão Satisfação Parental do Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais. Verifica-se que não existem diferenças significativas entre os grupos, o que denota que, neste estudo, as mães e os pais de crianças em idade escolar não se distinguem significativamente na satisfação parental.

### Quadro 9

*Comparação das Respostas das Mães (G1) e dos Pais (G2) na Satisfação Parental – Médias (M), Desvios-Padrão (DP), Valores de t e Valores de p*

	G1		G2		t	p
	M	DP	M	DP		
Satisfação	13.12	2.44	13.05	1.47	.19	.852

*Nota:* Satisfação – Satisfação Parental; N<sub>1</sub> = 68, N<sub>2</sub> = 60

### 4.1.3 Comparação entre Mães e Pais nas Expectativas Parentais

Os resultados relativos à comparação das respostas das mães e dos pais na dimensão Expectativas Parentais do Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais são apresentados no Quadro 10. Observa-se que, mais uma vez, não ocorrem diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 10

*Comparação das Respostas das Mães (G1) e dos Pais (G2) nas Expectativas Parentais – Médias (M), Desvios-Padrão (DP), Valores de t e Valores de p*

	G1		G2		<i>t</i>	<i>p</i>
	M	DP	M	DP		
Expectativas	11.31	2.14	10.97	2.33	.87	.384

*Nota:* Expectativas – Expectativas Parentais; N<sub>1</sub> = 67, N<sub>2</sub> = 60

## 4.2 Análise da Relação do *Stress* Parental com a Satisfação e as Expectativas Parentais nos Dois Grupos

Com o objetivo de explorar a relação entre o *Stress* Parental e a Satisfação e as Expectativas Parentais no grupo das mães (G1) e no grupo dos pais (G2), efectuou-se um estudo correlacional (coeficiente de Pearson).

### 4.2.1 Mães

Do Quadro 11 constam os resultados para o G1 relativos aos valores das correlações entre o *Stress* Parental (subescalas Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança) e a Satisfação e Expectativas Parentais (subescalas respectivas). Constata-se que ocorrem correlações significativas (negativas) quer da subescala Criança Difícil, quer da subescala Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança com as subescalas Satisfação e Expectativas Parentais. Não ocorrem correlações significativas entre a subescala Dificuldade Parental e as subescalas Satisfação e Expectativas Parentais.

### Quadro 11

*Mães (G1) - Correlação entre o Stress Parental e a Satisfação e as Expectativas Parentais*

	Pais	Criança	Interação
Satisfação	.03	-.43***	-.33**
Expectativas	-.13	-.59***	-.29*

*Nota:* Pais – Dificuldade Parental; Criança – Criança Difícil; Interação – Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança; Satisfação – Satisfação Parental; Expectativas – Expectativas Parentais

\*p<.05, \*\*p<.01, \*\*\*p<.001

#### 4.2.2 Pais

No Quadro 12 são apresentados os resultados para o G2 relativos aos valores das correlações entre o *Stress* Parental (subescalas Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança) e a Satisfação e Expectativas Parentais (subescalas correspondentes). Verifica-se que são significativas e negativas as correlações entre a subescala Satisfação Parental e as subescalas Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança. É ainda significativa (e negativa) a correlação das subescalas Expectativas Parentais e Criança Difícil, sendo apenas marginalmente significativa (e negativa) a correlação entre as subescalas Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança e Expectativas Parentais.

### Quadro 12

*Pais (G2) - Correlação entre o Stress Parental e a Satisfação e as Expectativas Parentais*

	Pais	Criança	Interação
Satisfação	-.39**	-.61***	-.54***
Expectativas	-.12	-.32*	-.25†

*Nota:* Pais – Dificuldade Parental; Criança – Criança Difícil; Interação – Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança; Satisfação – Satisfação Parental; Expectativas – Expectativas Parentais

\*p<.05, \*\*p<.01, \*\*\*p<.001, †p=.057 (marginalmente significativo)

### **4.3 Análise da Relação do *Stress* Parental com Variáveis Sociodemográficas dos Participantes e da Criança, e com Variáveis do Contexto Familiar**

De forma a explorar a relação do *Stress* Parental com variáveis sociodemográficas das mães, dos pais, e da criança, e com variáveis do contexto familiar efectuou-se um estudo correlacional (coeficientes de Pearson, de Spearman e bisserial por pontos).

A variável Escolaridade foi categorizada em cinco categorias: 1 “4 anos ou menos”, 2 “5 a 6 anos”, 3 “7 a 9 anos”, 4 “10 a 12 anos/ensino técnico-profissional” e 5 “ensino superior”. Por sua vez, a variável Sexo foi categorizada da seguinte forma: 1 “feminino” e 2 “masculino”. A variável Cuidador Principal da Criança foi recodificada em duas categorias: 1 “ambos os pais” e 2 “mãe”.

#### **4.3.1 Mães**

Os valores das correlações do *Stress* Parental (subescalas Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança) com variáveis sociodemográficas das mães (Idade e Escolaridade), e da criança (Sexo e Idade), e com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança) são apresentados no Quadro 13. É possível observar uma correlação marginalmente significativa (negativa) entre a subescala Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança e a Escolaridade das mães. Não se obtêm quaisquer resultados significativos nas correlações entre o *Stress* Parental (subescalas Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança) e as variáveis sociodemográficas da criança (Sexo e Idade). Constata-se ainda que ocorre uma correlação marginalmente significativa (positiva) entre a subescala Dificuldade Parental e Cuidador Principal da Criança.

### Quadro 13

*Mães (G1) - Correlação entre o Stress Parental e as Variáveis Sociodemográficas das Mães (Idade e Escolaridade) e da Criança (Sexo e Idade), e as Variáveis do Contexto Familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal)*

	<i>Stress Parental</i>		
	Pais	Criança	Interação
V. Sociodemográficas			
Mães			
Idade	.05	.07	.11
Escolaridade	-.21	-.21	-.23††
Crianças			
Sexo	-.18	.10	.15
Idade	.14	.04	.18
V. Contexto Familiar			
Número de Filhos	.13	-.01	-.16
Cuidador Principal	.27†	.14	-.09

*Nota:* Pais – Dificuldade Parental; Criança – Criança Difícil; Interação – Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança; Cuidador principal – Cuidador Principal da Criança

†p=.051 (marginalmente significativo), ††p=.076 (marginalmente significativo)

#### 4.3.2 Pais

No Quadro 14 figuram os valores das correlações do *Stress Parental* (subescalas Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança) com variáveis sociodemográficas dos pais (Idade e Escolaridade) e da criança (Sexo e Idade), e com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança). Verifica-se que ocorre uma correlação significativa (positiva) entre a subescala Criança Difícil e a Idade dos pais, não se obtendo correlações significativas face às subescalas Dificuldade Parental e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança. Observa-se que são significativas e positivas as

correlações do Sexo da criança com as subescalas Dificuldade Parental (marginalmente significativa), Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança. A Idade da criança não se correlaciona com qualquer subescala do *Stress Parental*. Também não se obtêm resultados significativos para nenhuma das correlações do *Stress Parental* (subescalas Dificuldade Parental, Criança Difícil e Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança) com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança).

#### Quadro 14

*Pais (G2) - Correlação entre o Stress Parental e as Variáveis Sociodemográficas dos Pais (Idade e Escolaridade) e da Criança (Sexo e Idade), e as Variáveis do Contexto Familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal)*

	<i>Stress Parental</i>		
	Pais	Criança	Interação
<b>V. Sociodemográficas</b>			
<b>Pais</b>			
Idade	.08	.27*	.16
Escolaridade	-.12	-.13	-.17
<b>Crianças</b>			
Sexo	.25†	.35**	.28*
Idade	.01	.01	-.02
<b>V. Contexto Familiar</b>			
Número de Filhos	.03	.03	-.12
Cuidador Principal	-.13	-.09	.07

*Nota:* Pais – Dificuldade Parental; Criança – Criança Difícil; Interação – Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança; Cuidador principal – Cuidador Principal da Criança

\*p<.05, \*\*p<.01, †p=.069 (marginalmente significativo)

#### **4.4 Análise da Relação da Satisfação e Expectativas Parentais com Variáveis Sociodemográficas dos Participantes e da Criança, e com Variáveis do Contexto Familiar**

Com a intenção de explorar a relação da Satisfação e Expectativas Parentais com variáveis sociodemográficas dos participantes e da criança, e com variáveis do contexto familiar, efectuou-se o mesmo tipo de estudo correlacional utilizado face ao *Stress Parental* (coeficientes de Pearson, de Spearman e bisserial por pontos).

##### **4.4.1 Mães**

Os valores das correlações das subescalas Satisfação e Expectativas Parentais com variáveis sociodemográficas das mães (Idade e Escolaridade) e da criança (Sexo e Idade), e com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança) são apresentados no Quadro 15.

No Quadro 15 observa-se que não ocorrem resultados significativos quando está em causa a correlação com variáveis sociodemográficas das mães e da criança. As correlações das subescalas Satisfação e Expectativas Parentais com as variáveis do contexto familiar também não são significativas.

Assim, o facto de não ocorrerem quaisquer correlações significativas, denota que, no grupo das mães, a satisfação e as expectativas parentais não se encontram associadas com variáveis sociodemográficas das mães e da criança ou com variáveis do contexto familiar.

### Quadro 15

*Mães (G1) - Correlação entre a Satisfação e as Expectativas Parentais e as Variáveis Sociodemográficas das Mães (Idade e Escolaridade) e da Criança (Sexo e Idade), e as Variáveis do Contexto Familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal)*

	Satisfação	Expectativas
V. Sociodemográficas		
Mães		
Idade	-.09	-.16
Escolaridade	.15	-.10
Crianças		
Sexo	-.02	.05
Idade	.05	-.13
V. Contexto Familiar		
Número de Filhos	.01	-.14
Cuidador Principal	.05	-.03

*Nota:* Satisfação – Satisfação Parental; Expectativas – Expectativas Parentais; Cuidador principal – Cuidador Principal da criança

#### 4.4.2 Pais

Do Quadro 16 constam os valores das correlações entre as subescalas Satisfação e Expectativas Parentais com variáveis sociodemográficas dos pais (Idade e Escolaridade) e da criança (Sexo e Idade), e com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança). Verifica-se que ocorre uma correlação marginalmente significativa (negativa) entre a subescala Expectativas Parentais e a Idade dos pais. Não se obtêm correlações significativas entre a subescala Satisfação Parental e as variáveis sociodemográficas dos pais (Idade e Escolaridade). É ainda possível observar que, mais uma vez, não ocorrem correlações significativas entre as subescalas Satisfação e Expectativas

Parentais com variáveis sociodemográficas da criança (Sexo e Idade), e com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança).

### Quadro 16

*Pais (G2) - Correlação entre a Satisfação e as Expectativas Parentais e as Variáveis Sociodemográficas dos Pais (Idade e Escolaridade) e da Criança (Sexo e Idade), e as Variáveis do Contexto Familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal)*

	Satisfação	Expectativas
V. Sociodemográficas		
Pais		
Idade	-.20	-.23†
Escolaridade	.21	.06
Crianças		
Sexo	-.15	-.05
Idade	-.19	-.06
V. Contexto Familiar		
Número de Filhos	.04	-.10
Cuidador Principal	-.01	-.05

*Nota:* Satisfação – Satisfação Parental; Expectativas – Expectativas Parentais; Cuidador principal – Cuidador Principal da Criança

†p=.076 (marginalmente significativo)

## 5. Discussão

Neste ponto procede-se à discussão dos resultados obtidos no presente estudo, dirigido para o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais em mães e pais, de crianças com idade escolar, tendo em conta os objetivos e hipóteses definidos anteriormente (ver ponto 2).

### 5.1 *Stress* Parental e Satisfação e Expectativas Parentais: Diferenças entre Mães e Pais

No que respeita à comparação entre os grupos de mães (G1) e pais (G2) de crianças em idade escolar nas dimensões em estudo – *Stress* Parental e Satisfação e Expectativas Parentais (Objectivo 1), destaca-se que, relativamente ao *Stress* Parental, há uma tendência para o G1, comparativamente com o G2, experimentar mais *stress* decorrente de uma maior dificuldade no desempenho do papel parental relacionado com características parentais diretamente associadas com a parentalidade, não se distinguindo os grupos nas percepções relativas quer às características comportamentais da criança, quer à insatisfação na interação com ela.

Estes resultados tendem a contrariar os encontrados por Delvecchio et al. (2014) e por Santos (2010), indicativos de níveis mais elevados de *stress* parental nas mães, comparativamente com os pais. Contudo, na sua maioria são concordantes com os obtidos por Deater-Deckard e Scarr (1996) e por Putnick et al. (2010), que não obtêm diferenças significativas nos níveis de *stress* parental das mães e dos pais. Note-se, no entanto, que um destes estudos utilizou a versão extensa PSI e não a versão reduzida, usada no presente estudo, designadamente o de Santos (2010). De referir que Putnick et al. (2010), no estudo antes citado, que integra mães e pais de uma mesma criança (amostras dependentes), justificam os resultados alcançados com base no facto de os sentimentos e ações de ambas as figuras parentais se influenciarem mutuamente visto pertencerem ao mesmo sistema familiar, tendo também experiências semelhantes com os filhos (Bornstein & Sawyer, 2005, citado por Putnick et al., 2010). No presente estudo, os grupos de mães e pais são independentes, mas a tendência encontrada é similar. É possível que os resultados deste estudo fossem diferentes se as amostras contempladas fossem clínicas, em lugar de não-clínicas, já que a mãe, que é geralmente a cuidadora da criança, poderá experimentar níveis de *stress* acrescidos nestas circunstâncias.

Os resultados parecem suportar a hipótese do papel social, de acordo com a qual se espera que a maior semelhança nas responsabilidades da mulher e do homem dentro e fora de casa esteja associada a uma experiência psicológica de ajustamento ao *stress* vivida de forma mais similar entre eles (ver Deater-Deckard & Scarr, 1996). De facto, as mães e os pais deste

estudo apresentam níveis de escolaridade equivalentes e, no que diz respeito à situação laboral, em ambos os casos a maioria trabalha a tempo inteiro. A maior dificuldade experimentada pelas mães no papel parental, comparativamente com os pais, poderá estar relacionada com o facto de, em alguns casos, as mães continuarem a ser as cuidadoras principais e terem, simultaneamente, de dar resposta às suas obrigações profissionais. O ideal de mulher na sociedade contemporânea, como mãe “perfeita” e profissional bem-sucedida, não é exequível, pelo que a mulher aprenderá, progressivamente, a conviver com a maternidade associada à culpa (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013), o que poderá contribuir para a maior dificuldade no papel parental na amostra estudada.

Nesta sequência, a Hipótese 1, que previa níveis mais elevados de *stress* parental no G1, comparativamente com o G2, foi confirmada apenas em parte.

Em relação à Satisfação e Expectativas Parentais, os grupos não se distinguiram significativamente. Tal contraria os resultados dos estudos de Johnston e Mash (1989) e de Renk et al. (2003), indicativos de níveis mais elevados de satisfação parental nos pais, comparativamente com as mães, e também os resultados de estudos sugestivos de que as mães apresentam níveis mais elevados de satisfação parental, comparativamente com os pais (Elek et al., 2003; Rogers & White, 1998). Os resultados do presente estudo poderão estar relacionados com uma maior igualdade nos papéis parentais na família, na linha do referido por Johnston e Mash (1989) e Renk et al. (2003), que justificam os níveis mais elevados de satisfação parental nos pais (face às mães) com base nas diferenças nos papéis parentais na família. Uma vez que alguns autores apontam que a menor satisfação parental nos pais se deve a menor confiança e competência no desempenho do papel parental (Elek et al., 2003), então os resultados agora obtidos poderão também indicar que os pais se sentem confiantes e competentes na realização das actividades do dia a dia da vida das crianças, o que poderá contribuir para a sua satisfação parental e para níveis de satisfação parental semelhantes aos das mães. Uma vez que não foram encontrados estudos publicados que abordem as diferenças entre mães e pais nas expectativas parentais, pelo menos na forma como foi operacionalizada neste estudo, não é possível enquadrar os resultados na literatura de uma forma mais específica. Contudo, é de salientar que os resultados do estudo de Cook et al. (2005) mostram que as expectativas parentais parecem motivar o comportamento parental do pai, o que, por sua vez, influencia a sua satisfação com a parentalidade. Desta forma, o facto de, no presente estudo, os grupos não se distinguirem significativamente na Satisfação Parental poderá relacionar-se com a existência de expectativas parentais mais homogéneas entre as mães e os pais.

Tendo em conta os resultados obtidos, a Hipótese 2 não foi corroborada, já que o G1 não apresentou níveis mais elevados de satisfação parental e expectativas parentais mais positivas, comparativamente com o G2.

## **5.2 Relação entre *Stress* Parental e Satisfação e Expectativas Parentais**

No que se refere à relação entre o *Stress* Parental e a Satisfação e Expectativas Parentais (Objectivo 2), destaca-se que níveis mais elevados de *stress* parental estão associados com níveis mais baixos de satisfação parental e com expectativas parentais menos positivas, em ambos os grupos, existindo apenas um resultado dispar para mães e pais. De forma mais específica, nos dois grupos observa-se que níveis mais elevados de *stress* decorrentes de características da criança e da interação estabelecida com ela se associam com níveis mais baixos de satisfação parental e com expectativas menos positivas (ainda que face a esta variável o resultado para o G2 seja apenas marginalmente significativo); no caso dos pais (mas não das mães) salientou-se igualmente uma associação entre níveis mais baixos de satisfação parental e maior dificuldade no papel parental.

Como se referiu no enquadramento teórico da dissertação, os estudos que relacionam as dimensões analisadas são escassos e focam populações e níveis etários distintos do considerado nesta pesquisa. Recorde-se que Crnic e Greenberg (1990) já tinham demonstrado que os acontecimentos e aborrecimentos do dia a dia geradores de *stress* se associavam com menor satisfação parental, e que Flykt et al. (2009), num estudo com crianças-alvo até um ano de idade, indicaram que as expectativas mais positivas de ambas as figuras parentais relativamente à sua relação com a criança (intimidade e autonomia) eram preditivas de níveis mais baixos de *stress* parental. Nesta sequência, os resultados do presente estudo dão um contributo para um melhor entendimento das relações entre o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais, em particular quando a criança tem idade escolar.

A hipótese colocada para a relação entre o *Stress* Parental e a Satisfação e Expectativas Parentais (Hipótese 3), que previa a associação de níveis mais elevados de *stress* parental com níveis mais baixos de satisfação parental e com expectativas parentais menos positivas, foi confirmada.

### **5.3 Relação do *Stress* Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais com Variáveis Sociodemográficas das Figuras Parentais e da Criança e com Variáveis do Contexto Familiar**

O último objetivo do presente estudo era explorar a relação do *Stress* Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais com variáveis sociodemográficas das figuras parentais (Idade e Escolaridade) e da criança (Sexo e Idade), e com variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança) em ambos os grupos (Objectivo 3). Para cada grupo de variáveis, discutem-se primeiro os resultados para o *stress* parental e depois os que remetem para a satisfação e expectativas.

#### **5.3.1 Relação com Variáveis Sociodemográficas das Figuras Parentais**

Face às variáveis sociodemográficas das figuras parentais, no que diz respeito ao *stress* parental verificou-se que, no G1, a Idade das mães não se associou com este *stress*, existindo, no entanto, uma tendência para as mães com um nível de escolaridade mais baixo referirem mais *stress* decorrente da insatisfação na interação com a criança. Os resultados obtidos contrariam os encontrados na literatura, ainda que estes sejam dispares, já que ora são as mães mais velhas (e.g., Östberg & Hagekull, 2000) ora são as mais novas, designadamente as adolescentes (e.g., Bailey, 2015; Holdsworth, 1999) que experimentam níveis mais elevados de *stress* parental. De referir que, nas amostras dos estudos mencionados anteriormente, as crianças-alvo não apresentam idade escolar. Pode considerar-se que a idade mais ou menos jovem das mães estará associada a vantagens e a desvantagens em termos da parentalidade; por exemplo, as mães mais velhas poderão ter competências mais desenvolvidas decorrentes da experiência que resulta de serem mais velhas (McMahon et al., 2015). No presente estudo, o balanço das vantagens e desvantagens não conduziu, aparentemente, a diferenças salientes para o *stress* parental experimentado pelas mães.

Por sua vez, os resultados obtidos pelos pais (G2), mostram que os mais velhos indicam mais *stress* parental associado com características comportamentais da criança (Criança Difícil). Não se acedeu a estudos publicados que abordem a relação entre a idade do pai e o *stress* parental. Contudo, o resultado vai na linha da literatura que identifica uma associação positiva entre *stress* parental e idade da mãe (e.g., Östberg & Hagekull, 2000). No presente estudo, o intervalo de idade dos pais é considerável, com uma idade mínima de 29 anos e uma idade máxima de 57 anos. Desta forma, os pais pertencem a gerações diferentes, pelo que os

pais mais velhos poderão ser não só menos pacientes, como mais exigentes em termos do comportamento da criança (por exemplo, no que diz respeito à maturidade esperada).

Os resultados para as mães relativos à Escolaridade são consonantes com os dos estudos de Ma et al. (2011) e de Santos et al. (2009), onde se mostrou que a menor escolaridade dos pais (mães e pais) se associa com níveis mais elevados de *stress* parental. Poderá colocar-se a possibilidade de que, associado a um nível mais baixo de instrução estejam piores condições socioeconómicas que contribuem para o aumento do *stress* parental, já que o nível de escolaridade está, geralmente, positivamente correlacionado com as condições socioeconómicas dos indivíduos (Östberg & Hagefull, 2000). No G2 a Escolaridade não se associa com o *Stress* Parental, resultado que é dispar dos obtidos por Ma et al. (2011) e Santos et al. (2009), acima referidos. Face à conjuntura atual do país, o desemprego qualificado tem vindo a aumentar, salientando-se no G2 que o desemprego afeta não só os pais com menor escolaridade, mas também os pais mais qualificados, pelo que esta situação poderá ter contribuído para a ausência de uma relação significativa entre a Escolaridade e o *Stress* Parental no G2.

No que se refere à análise da relação da *Satisfação e Expectativas Parentais* com variáveis sociodemográficas das mães, verifica-se que no G1 nenhuma das duas variáveis consideradas (Idade e Escolaridade) se associou com esta dimensão, existindo, no entanto, no G2 uma tendência para os pais mais velhos terem expectativas menos positivas. Tal como no caso das mães, neste grupo também não ocorreu uma associação com a Escolaridade. Os resultados para as mães não são consonantes com os encontrados face à satisfação no estudo de Ragozin et al. (1982), o qual, apesar de não ser recente, aponta para que as mães mais velhas apresentam níveis mais elevados de satisfação parental. Relativamente ao resultado para os pais, poderá colocar-se a hipótese de que os pais mais velhos estejam mais conscientes, e tenham mais conhecimento, face às exigências associadas ao papel parental, para além de que as crianças mais velhas poderão colocar desafios acrescidos (em termos de comportamento e relacionais), pelo menos algumas. Ainda no caso dos pais, a ausência de uma associação entre a Escolaridade e a Satisfação Parental vai contra o relatado por Goetting (1986), numa revisão de literatura, onde se destaca que a escolaridade dos pais (mães e pais) está negativamente associada com a satisfação parental. Como explicação para este dado foi tida em conta as sugestões de alguns dos autores dos estudos analisados, especificamente que o papel parental poderá constituir um foco mais importante na vida dos pais com menos escolaridade, uma vez que os pais com mais escolaridade valorizariam outros papéis nas suas vidas e teriam outros recursos para o bem-estar psicológico (ver Goetting, 1986). Os resultados do presente estudo

indicam, pois, que, nos grupos estudados, a escolaridade não parece ser uma variável que interfira de forma importante nos níveis de satisfação parental e nas expectativas.

Nesta sequência, confirma-se a Hipótese 4, a qual previa a associação de pelo menos uma das variáveis sociodemográficas das figuras parentais com pelo menos uma das dimensões em estudo (G1 ou G2).

### **5.3.2 Relação com Variáveis Sociodemográficas da Criança**

Salienta-se que, face à relação do *Stress* Parental com as variáveis Sociodemográficas da criança (Sexo e Idade), quer no G1 quer no G2, não há uma relação com a Idade. Estes resultados enquadram-se na revisão de literatura de Deater-Deckard (2004), onde sobressai que, embora alguns estudos mostrem mais *stress* parental nos pais de crianças mais novas, noutros estudos não se verifica uma associação do *stress* parental com a idade ou, a existir, ela é de baixa magnitude, pelo que o autor conclui que não existe uma associação direta e forte entre o *stress* parental e a idade da criança. Face ao Sexo, no G1 não há, de novo, uma relação com o *Stress* Parental, mas no G2 os pais dos rapazes referem mais *stress* parental (decorrente sobretudo de características da criança e da interação estabelecida com ela, sendo apenas tendencial a relação com a dificuldade no papel parental).

Os resultados para as mães contrariam os de Scher e Sharabany (2005), indicativos de níveis de *stress* parental mais elevados nas mães de rapazes, não sendo também concordantes com os do estudo de McBride et al. (2002), no qual se verificou que as mães de raparigas apresentavam níveis de *stress* parental mais elevados. No entanto, os resultados vão na mesma linha dos obtidos nos estudos de Putnick et al. (2010) e de Williford et al. (2007). Os resultados para os pais, por sua vez, são congruentes com os de McBride et al. (2002), e podem ter subjacente o facto de os rapazes apresentarem, geralmente, mais problemas de comportamento do que as raparigas (Deater-Deckard, 2004), o que contribui para o aumento do *stress* parental.

No que diz respeito à análise da relação da *Satisfação e Expectativas Parentais* com variáveis sociodemográficas da criança, observa-se que tanto no G1, como no G2 o Sexo e a Idade da criança não se associam com a Satisfação e as Expectativas Parentais. A literatura neste âmbito é contraditória, porém, os resultados relativos à Satisfação Parental são consistentes com os dos estudos de Bornstein et al. (2003) e de Chilman (1979), que não encontraram uma associação entre a satisfação parental e o sexo da criança. Por outro lado, os resultados agora obtidos não são congruentes com os dos estudos de outros autores que reportaram níveis de satisfação parental superiores nos pais (homens) de rapazes,

comparativamente com os pais de raparigas (De Luccie, 1996; Elek et al., 2003; Hudson et al., 2001). Mais uma vez, os estudos que analisam a satisfação parental e que consideram a idade da criança apresentam resultados mistos, sendo os resultados do presente estudo consistentes com os de Rogers e White (1998).

Nesta sequência, confirma-se a Hipótese 5, que previa que pelo menos uma das variáveis sociodemográficas da criança se associaria com, pelo menos, uma das dimensões em estudo (G1 ou G2).

### **5.3.3 Relação com Variáveis do Contexto Familiar**

Por fim, no que se refere às variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança), verifica-se que, em ambos os grupos, o *Stress* Parental não se relaciona com o Número de Filhos, relacionando-se, contudo, com a variável Cuidador Principal da Criança, mas apenas no caso das mães. Especificamente, há uma tendência para as mães que são as cuidadoras principais da criança (*versus* ambos os pais), reportarem mais *stress* decorrente de uma maior dificuldade no papel parental, o que poderá dever-se a uma maior sobrecarga sentida pelas mães que estão nesta circunstância, tal como foi considerado anteriormente.

A ausência de relação entre o Número de Filhos e o *Stress* Parental não é consonante com os resultados encontrados por Östberg e Hagefull (2000) e por Santos et al. (2009), os quais realçam uma associação entre o maior número de filhos e níveis mais elevados de *stress* parental nas mães.

No presente estudo nenhuma das variáveis do contexto familiar consideradas se relacionou com a *Satisfação e Expectativas Parentais*. Tal é congruente com o verificado por Rogers e White (1998) e por Vieira e Matos (2011), cujos estudos não reportam diferenças significativas nos níveis de satisfação parental com base no número de filhos, mas é dissonante do referido por outros autores em estudos mais antigos. Por exemplo, Marini (1980) indica que o número de filhos tem um efeito negativo directo na satisfação parental, sendo este efeito superior nos pais (face às mães), enquanto Nye et al. (1970) referem uma relação curvilínea entre o número de filhos e a atitude das mães para com o seu papel parental - as mães com apenas um filho e as mães com mais de quatro filhos mostram-se mais satisfeitas, comparativamente com as mães com três ou quatro filhos. Uma vez que não foram encontrados estudos publicados que abordem a relação da satisfação e das expectativas parentais com o

cuidador principal da criança, não é possível enquadrar os resultados do presente estudo na literatura.

Pelo exposto anteriormente, sobressai que se confirma a última hipótese colocada (Hipótese 6), a qual previa a associação de pelo menos uma das variáveis do contexto familiar com pelo menos uma das dimensões em estudo (G1 ou G2).

## 6. Conclusão

Neste último ponto são apresentadas as principais conclusões do presente estudo, tendo em conta os objetivos estabelecidos. São ainda consideradas algumas limitações e colocadas propostas para investigações futuras.

A investigação realizada teve como foco o estudo do *Stress* Parental e da Satisfação e Expectativas Parentais em mães (G1) e pais (G2) de crianças em idade escolar. O primeiro objetivo do estudo visava a análise comparativa destes grupos nas dimensões consideradas. Os resultados obtidos demonstraram que, face ao *stress* parental, as mães experimentam mais *stress* decorrente de uma maior dificuldade no desempenho do papel parental, mas não se diferenciam dos pais nas percepções relativas quer às características da criança, quer à insatisfação na interação com ela, que não conduz a reforço no papel parental. No que se refere à satisfação e expectativas parentais, as mães e os pais não se distinguem significativamente. Enquanto os resultados para o *stress* parental são consonantes com alguns dos encontrados na literatura (ainda que esta seja heterogénea), os resultados relativos à satisfação e expectativas parentais trazem um contributo de alguma forma inovador para a compreensão destas dimensões em mães e pais de crianças em idade escolar, dada a lacuna de estudos empíricos nestas dimensões, na faixa etária considerada, principalmente no âmbito das expectativas parentais.

No que diz respeito à relação entre o *Stress* Parental e a Satisfação e Expectativas Parentais (Objetivo 2), salientou-se que, no caso quer das mães quer dos pais, níveis mais elevados de *stress* parental associam-se com níveis mais baixos de satisfação parental e com expectativas menos positivas, existindo apenas um resultado dispar para as mães e os pais. Especificamente, em ambos os grupos, níveis mais elevados de *stress* decorrentes de características da criança e da interação estabelecida com ela associam-se com níveis mais baixos de satisfação parental e com expectativas menos positivas, ocorrendo ainda uma relação, mas apenas no caso dos pais, de níveis mais baixos de satisfação parental com uma maior dificuldade no papel parental.

Relativamente à relação do *Stress* Parental com variáveis sociodemográficas das figuras parentais, da criança e do contexto familiar (Objetivo 3), verificou-se, face às variáveis sociodemográficas, que o nível de escolaridade mais baixo das mães tende a estar associado a mais *stress* decorrente da insatisfação na interação com a criança e que os pais mais velhos indicam mais *stress* parental associado com características comportamentais da criança. Destaca-se igualmente que o sexo da criança parece ser relevante para o *stress* parental, mas

apenas no caso dos pais, já que aqueles que têm filhos rapazes referem mais *stress* parental (decorrente sobretudo de características da criança e da interação estabelecida com ela, sendo apenas tendencial a relação com a dificuldade no papel parental). Em ambos os grupos (G1 e G2), a Idade da criança e o Número de Filhos não se relacionaram com o *Stress* Parental. Por fim, nas mães (mas não nos pais) este *stress* associou-se ainda com a variável Cuidador Principal da Criança, existindo uma tendência para as mães que são as cuidadoras principais da criança (*versus* ambos os pais), reportarem mais *stress* decorrente de uma maior dificuldade no papel parental, o que certamente decorrerá da sobrecarga inerente ao papel de cuidadora principal, previsivelmente em acumulação com as exigências de outros papéis, designadamente o profissional.

No que se refere à Satisfação e Expectativas Parentais, estas tendem a não se relacionar com as variáveis sociodemográficas das figuras parentais (Idade e Escolaridade) e da criança (Sexo e Idade) e com as variáveis do contexto familiar (Número de Filhos e Cuidador Principal da Criança). Contudo, nos pais (mas não nas mães), observou-se uma tendência para os pais mais velhos terem expectativas menos positivas.

Das seis hipóteses colocadas apenas a Hipótese 2 não foi corroborada (mas esta tinha um carácter exploratório dada a escassez de literatura para a fundamentar), sendo as restantes confirmadas, ainda que a Hipótese 1 o tenha sido apenas em parte, visto que as mães apresentaram níveis mais elevados de *stress*, comparativamente com os pais, somente quando o *stress* decorria da dificuldade no desempenho do papel parental.

Os dados obtidos fornecem informação importante para a melhor compreensão da relação entre o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais, constituindo um contributo válido e ajudando a preencher uma lacuna da investigação neste domínio. Acresce que o tipo de relações encontradas entre estas dimensões poderá ser orientador em contextos que exijam a avaliação do funcionamento parental de mães e pais de crianças em idade escolar, e em que se proceda ao delineamento de programas de intervenção, seja numa perspetiva preventiva (por exemplo, atuando precocemente ao nível do *stress* parental por forma a evitar que o seu incremento comprometa a satisfação e as expectativas parentais), seja numa perspetiva remediativa. Os resultados alertam ainda para a importância de variáveis sociodemográficas particulares, das figuras parentais (escolaridade das mães e idade dos pais) e da criança (sexo), as quais devem ser tidas em conta quando se avaliam fatores de risco, e sugerem também que a relevância de variáveis específicas pode ser diversa para mães e pais (por exemplo, o sexo da criança parece importante para o *stress* parental do pai, mas não da mãe). Acresce que, compreensivelmente, as mães, quando são as cuidadoras da criança de

forma isolada, i.e., sem que haja partilha deste papel com o pai da criança, poderão ter um risco aumentado em termos do *stress* experimentado no desempenho do papel parental.

Nesta sequência, as intervenções dirigidas para o *stress* parental deverão incidir especialmente nas mães com menor escolaridade, nos pais mais velhos, nos pais de rapazes e nas mães que são as cuidadoras principais, e incluir estratégias dirigidas especificamente para as principais dimensões das quais resulta o *stress* parental em cada um destes grupos, nomeadamente para o *stress* associado com a dificuldade no papel parental, para o *stress* decorrente da interação com a criança e para o *stress* ligado com as características comportamentais da criança.

Os resultados encontrados parecem apoiar a importância que a maior igualdade nos papéis parentais na família poderá ter em dimensões da parentalidade quando se consideram mães e pais de crianças em idade escolar. Desta forma, os resultados alertam para a pertinência de se sensibilizar as mães e os pais para a relevância da partilha das responsabilidades parentais e da divisão mais igualitária dos cuidados e educação dos filhos e, de forma mais distal, constituem um contributo adicional como alerta para a necessidade de se continuar a promover mudanças na ideologia cultural e nas próprias políticas sociais e organizacionais. De referir que os resultados relativos à satisfação parental do pai poderão estar relacionados com a confiança e competência no desempenho do papel parental, pelo que se revela essencial que desde o nascimento da criança o pai seja estimulado e envolvido pelas estruturas sociais (e.g., maternidade, hospital e escola) da mesma forma que a mãe o é, ao invés de “excluído”, como tantas vezes ainda acontece.

No que diz respeito às limitações do presente trabalho, destaca-se o facto de se tratar de um estudo correlacional, pelo que não permite estabelecer relações de causa-efeito entre as dimensões em estudo. Apesar de os grupos constituídos não se distinguirem significativamente em algumas variáveis sociodemográficas, teria sido desejável que o mesmo acontecesse face a outras variáveis específicas, como a idade. Realça-se ainda o facto de, na maioria dos casos, não ter ocorrido uma interação direta entre a investigadora e os pais (mães e pais), uma vez que o material da investigação foi entregue aos pais, em envelope, através da criança ou do(a) professor(a)/catequista, facto que poderá ter dificultado o esclarecimento de dúvidas, mesmo tendo sido facultado aos pais o contacto da investigadora para esse efeito.

Em estudos futuros, seria interessante e pertinente explorar se existe uma relação de causa-efeito entre o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais. A realização de estudos longitudinais nesta área seria também importante, na medida em que permitiria compreender se as perspetivas materna e paterna acerca do *stress* parental e da satisfação e

expectativas parentais, bem como a relação entre as dimensões referidas, se alteraria ao longo do tempo nos dois grupos, com as mudanças que possivelmente ocorrem na família e com o desenvolvimento da criança. Na medida em que no presente estudo se utilizaram amostras independentes, seria ainda pertinente o recurso a amostras dependentes, uma vez que deste modo seria possível perceber se o facto de as mães e os pais pertencerem ao mesmo sistema familiar originaria resultados diferentes. Futuramente, seria interessante incluir medidas de heteroavaliação, possibilitando que mães e pais da mesma criança avaliassem o *stress* parental e a satisfação e expectativas parentais da outra figura parental. Por fim, sugere-se a exploração, em estudos futuros, do papel potencialmente influente de outras variáveis (e.g., satisfação conjugal, vinculação e envolvimento parental) nas dimensões analisadas.

## 7. Referências

- Abidin, R. R. (1990). Introduction to the special issue: The stresses of parenting. *Journal of Clinical Child Psychology, 19*, 298-301.
- Abidin, R. R. (1995). *Parenting Stress Index - Manual* (3ª ed.). Odessa: Psychological Assessment Resources.
- Abidin, R. R., & Santos, S. V. (2003). *Índice de Stress Parental - Manual* (1ª ed.). Lisboa: CEGOC-TEA.
- Abrantes, D., & Matos, P. M. (2010). Pais de adolescentes: Relação entre o sentido de generatividade, a satisfação parental e a vinculação aos pais. *Psicologia, Educação e Cultura, 14*(1), 145-164.
- Alves, R. C. (2008). *A satisfação parental: Criação de um instrumento de avaliação para serviços de psicoterapia infantil*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Anthony, L. G., Anthony, B. J., Glanville, D. N., Naiman, D. Q., Waanders, C., & Shaffer, S. (2005). The relationships between parenting stress, parenting behaviour and preschoolers' social competence and behaviour problems in the classroom. *Infant and Child Development, 14*, 133-154. doi: 10.1002/icd.385
- Azar, S. T., Robinson, D. R., Hekimian, E., & Twentyman, C. T. (1984). Unrealistic expectations and problem-solving ability in maltreating and comparison mothers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 52*(4), 687-691.
- Bailey, N. S. (2015). Perceived social support and cognitive readiness to parent as predictors of attachment, parenting style, and parenting stress: A comparative study of adult and adolescent mothers. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 75*(7-B)(E).
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psicologica, 52*(1), 211-229. doi: 10.14195/1647-8606\_52-1\_10
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*(1), 83-96. doi: 0009-3920/84/5501'0003\$01.00

- Belsky, J. (1990). Parental and nonparental child care and children's socioemotional development: A decade in review. *Journal of Marriage and Family*, 52(4), 885-903. doi: 194.117.2.66
- Biehle, S. N., & Mickelson, K. D. (2012). First-time parents' expectations about the division of childcare and play. *Journal of Family Psychology*, 26(1), 36-45. doi: 10.1037/a0026608
- Bonifacci, P., Montuschi, M., Lami, L., & Snowling, M. J. (2014). Parents of children with dyslexia: Cognitive, emotional and behavioural profile. *Dyslexia*, 20(2), 175-190. doi: 10.1002/dys.1469
- Bornstein, M. H. (2001). Parenting: Science and practice. *Parenting: Science and Practice*, 1(1), 1-4. doi:10.1080/15295192.2001.9681208
- Bornstein, M. H. (2015). Children's parents. In M. H. Bornstein & T. Leventhal (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science: Vol. 4 Ecological settings and processes in developmental systems* (pp. 55-132). Hoboken, NJ: Wiley.
- Bornstein, M. H., Hendricks, C., Hahn, C.-S., Haynes, O. M., Painter, K. M., & Tamis-LeMonda, C. S. (2003). Contributors to self-perceived competence, satisfaction, investment, and role balance in maternal parenting: A multivariate ecological analysis. *Parenting: Science and Practice*, 3(4), 285-326. doi: 10.1207/s15327922par0304\_2
- Bronfenbrenner, U. (2001). The bioecological theory of human development. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International encyclopedia of the social and behavioral sciences* (Vol. 10, pp. 6963-6970). New York: Elsevier.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Calzada, E. J., Eyberg, S. M., Rich, B., & Querido, J. Q. (2004). Parenting disruptive preschoolers: Experiences of mothers and fathers. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 203-213.
- Cappa, K. A., Begle, A. M., Conger, J. C., Dumas, J. E., & Conger, A. J. (2011). Bidirectional relationships between parenting stress and child coping competence: Findings from the Pace study. *Journal of Child and Family Studies*, 20(3), 334-342. doi: 10.1007/s10826-010-9397-0

- Chilman, C. S. (1979). Parent satisfactions-dissatisfactions and their correlates. *Social Service Review*, 53(2), 195-213. doi: 10.1086/643726
- Cholensky, S. (2015). The gender pay gap: No more excuses!. *Judgment & Decision Making*, 10(2), 15-16.
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (2000). Parenting self-efficacy among mothers of school-age children: Conceptualization, measurement, and correlates. *Family Relations*, 49(1), 13-24. doi: 10.1111/j.1741-3729.2000.00013.x
- Collins, W. A., Madsen, S. D., & Susman-Stillman, A. (2002). Parenting during middle childhood. In M. M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 1, pp. 73-101) London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cook, J. L., Jones, R. M., Dick, A. J., & Singh, A. (2005). Revisiting men's role in father involvement: The importance of personal expectations. *Fathering: A Journal of Theory, Research, & Practice about Men as Fathers*, 3(2), 165-178.
- Cousino, M. K., & Hazen, R. A. (2013). Parenting stress among caregivers of children with chronic illness: A systematic review. *Journal of Pediatric Psychology*, 38(8), 809-828. doi:10.1093/jpepsy/jst049
- Crnic, K. A., Gaze, C., & Hoffman, C. (2005). Cumulative parenting stress across the preschool period: Relations to maternal parenting and child behaviour at age 5. *Infant and Child Development*, 14, 117-132. doi: 10.1002/icd.384
- Crnic, K. A., & Greenberg, M. T. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child Development*, 61, 1628-1637. doi: 0009-3920/90/6105-0018\$01.00
- Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 5, pp. 243-267) London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Daly, M. (2007). Introduction. In M. Daly (Ed.), *Parenting in contemporary Europe: A positive approach*. Strasbourg: Council of Europe.

- Davis, N. O., & Carter, A. S. (2008). Parenting stress in mothers and fathers of toddlers with autism spectrum disorders: Associations with child characteristics. *Journal of Autism Developmental Disorders, 38*, 1278-1291.
- Deater-Deckard, K., & Scarr, S. (1996). Parenting stress among dual-earner mothers and fathers: Are there gender differences? *Journal of Family Psychology, 10*(1), 45-59. doi: 0893-3200/967S3.00
- Deater-Deckard, K. (1998). Parenting stress and child adjustment: Some old hypotheses and new questions. *Clinical Psychology: Science and Practice, 5*, 314-332. doi: 10.1002/icd.383
- Deater-Deckard, K. (2004). *Parenting stress*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Deater-Deckard, K. (2005). Parenting stress and children's development: Introduction to the special issue. *Infant and Child Development, 14*, 111-115. doi: 10.1002/icd.383
- Dellve, L., Samuelsson, L., Tallborn, A., Fasth, A., & Hallberg, L. R. M. (2006). Stress and well-being among parents of children with rare diseases: A prospective intervention study. *Issues and Innovations in Nursing, 53*(4), 392-402.
- De Luccie, M. F. (1996). Mothers: Influential agents in father-child relations. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs, 122*(3), 285-307.
- Delvecchio, E., Di Riso, D., Chessa, D., Salcuni, S., Mazzeschi, C., & Laghezza, L. (2014). Expressed emotion, parental stress, and family dysfunction among parents of nonclinical Italian children. *Journal of Child and Family Studies, 23*, 989-999. doi: 10.1007/s10826-013-9754-x
- Dix, T. (1991). The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive processes. *Psychological Bulletin, 110*(1), 3-25. doi: 0033-2909/91/S3.00
- Dyson, L. L. (1997). Fathers and mothers of school-age children with developmental disabilities: Parental stress, family functioning, and social support. *American Journal on Mental Retardation, 102*, 267-279.
- Elek, S. M., Hudson, D. B., & Bouffard, C. (2003). Marital and parenting satisfaction and infant care self-efficacy during the transition to parenthood: The effect of infant sex. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing, 26*, 45-57. doi: 10.1080/01460860390183065

- Epifanio, M. S., Genna, V., Vitello, M. G., Roccella, M., & La Grutta, S. (2013). Parenting stress and impact of illness in parents of children with coeliac disease. *Pediatric Reports*, 5(4), 81-85. doi:10.4081/pr.2013.e19
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2014). Percepção de competência parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 2(32), 155-166. doi: 10.14417/ap.854
- Flykt, M., Lindblom, J., Punamäki, R-L., Poikkeus, P., Repokari, L., Unkila-Kallio, L., ... & Tulppala, M. (2009). Prenatal expectations in transition to parenthood: Former infertility and family dynamic considerations. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 779-789. doi: 10.1037/a0016468
- Goetting, A. (1986). Parental satisfaction: A review of research. *Journal of Family Issues*, 7, 83-109.
- Goodnow, I. I. & Collins, W. A. (1990). *Development according to parents: The nature, sources, and consequences of parents' ideas*. London: Erlbaum.
- Green, J. M., & Kafetsios, K. (1997). Positive experiences of early motherhood: Predictive variables from a longitudinal study. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 15(2), 141-157.
- Hart, M. (2014). Missing the forest for the trees: Gender pay discrimination in academia. *Denver University Law Review*, 91(4), 873-892.
- Harwood, K., McLean, N., & Durkin, K. (2007). First-time mothers' expectations of parenthood: What happens when optimistic expectations are not matched by later experiences? *Developmental Psychology*, 43(1), 1-12. doi: 10.1037/0012-1649.43.1.1
- Hayes, S. A., & Watson, S. L. (2013). The impact of parenting stress: A meta-analysis of studies comparing the experience of parenting stress in parents of children with and without autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 43(3), 629-642. doi: 10.1007/s10803-012-1604-y
- Hill, C., & Rose, J. (2009). Parenting stress in mothers of adults with an intellectual disability: Parental cognitions in relation to child characteristics and family support. *Journal of*

*Intellectual Disability Research*, 53(12), 969-980. doi: 10.1111/j.1365-2788.2009.01207.x

- Hoghugh, M. (2004) Parenting: An introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 1-18). London: Sage.
- Holdsworth, M. J. (1999). The relationship between social support, living arrangements, ward status and parenting stress of African-American teenage mothers. *Dissertation Abstracts International*, 59(7-B), 3695.
- Hudson, D. B., Elek, S. M., & Fleck, M. O. (2001). First-time mothers' and fathers' transition to parenthood: Infant care self-efficacy, parenting satisfaction, and infant sex. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 24, 31-43.
- Huth-Bocks, A. C., & Hughes, H. M. (2008). Parenting stress, parenting behavior, and children's adjustment in families experiencing intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 23, 243-251. doi: 10.1007/s10896-007-9148-1
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação portuguesa das profissões 2010* (versão 2011). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18, 167-175.
- Kaczan, R., Rycielski, P., & Wasilewska, O. (2014). Parental satisfaction with school – Determining factors. *Edukacja*, 6(131), 39-52.
- Keller, D., & Honig, A. S. (2004). Maternal and paternal stress in families with school-aged children with disabilities. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74(3), 337-348. doi: 10.1037/0002-9432.74.3.337
- Kurdek, L. A. (1996). Parenting satisfaction and marital satisfaction in mothers and fathers with young children. *Journal of Family Psychology*, 10(3), 331-342. doi: 0893-3200/98/\$3.00
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2004). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4<sup>th</sup> ed., pp. 272-306). New York: John Wiley & Sons.

- Larson, N. C. (2004). Parenting stress among adolescent mothers in the transition to adulthood. *Child and Adolescent Social Work Journal, 21*(5), 457-476.
- Lazarus, R. S. (1993). From psychological stress to the emotions: A history of changing outlooks. *Annual Review of Psychology, 44*, 1-21.
- Liefbroer, A. C. (2005). The impact of perceived costs and rewards of childbearing on entry into parenthood: Evidence from a panel study. *European Journal of Population, 21*(4), 367-391. doi: 10.1007/s10680-005-2610-y
- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica, 29*(4), 567-578.
- Low, R. Y. S. (2015). Raised parental expectations towards higher education and the double bind. *Higher Education Research & Development, 34*(1), 205-218. doi: 10.1080/07294360.2014.934333
- Lundberg, U., Mårdberg, B., & Frankenhaeuser, M. (1994). The total workload of male and female white collar workers as related to age, occupational level, and number of children. *Scandinavian Journal of Psychology, 35*(4), 315-327. doi: 10.1111/j.1467-9450.1994.tb00956.x
- Lytton, H., & Romney, D. M. (1991). Parents' differential socialization of boys and girls: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 109*(2), 267-297. doi: 10.1037/0033-2909.109.2.267
- Ma, J. L.C., Wong, T. K. Y., Lau, Y. K., & Lai, L. L. Y. (2011). Parenting stress and perceived family functioning of chinese parents in Hong Kong: Implications for social work practice. *Asian Social Work and Policy Review, 5*(3), 160-180. doi: 10.1111/j.1753-1411.2011.00056.x
- Mackler, J. S., Kelleher, R. T., Shanahan, L., Calkins, S. D., Keane, S. P., & O'Brien, M. (2015). Parenting stress, parental reactions, and externalizing behavior from ages 4 to 10. *Journal of Marriage and Family, 77*(2), 388-406. doi: 10.1111/jomf.12163
- May, C., Fletcher, R., Dempsey, I., & Newman, L. (2015). Modeling relations among coparenting quality, autism-specific parenting self-efficacy, and parenting stress in

- mothers and fathers of children with ASD. *Parenting: Science and Practice*, 15(2), 119-133. doi: 10.1080/15295192.2015.1020145
- Marini, M. M. (1980). Effects of the number and spacing of children on marital and parental satisfaction. *Demography*, 17(3), 225-242.
- McBride, B. A., Schoppe, S. J., & Rane, T. R. (2002). Child characteristics, parenting stress, and parental involvement: Fathers versus mothers. *Journal of Marriage and Family*, 64(4), 998-1011. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00998.x
- McMahon, C. A., Boivin, J., Gibson, F. L., Hammarberg, K., Wynter, K., Fisher, J. R. W. (2015). Older maternal age and major depressive episodes in the first two years after birth: Findings from the Parental Age and Transition to Parenthood Australia (PATPA) study. *Journal of Affective Disorders*, 175, 454-462. doi: 10.1016/j.jad.2015.01.025
- Meunier, J. C., & Roskam, I (2009). Self-efficacy beliefs amongst parents of young children: Validation of a self-report measure. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 495-511. doi: 10.1007/s10826-008-9252-8
- Miller, T. (2011). Falling back into gender? Men's narratives and practices around first-time fatherhood. *Sociology*, 45(6), 1094-1109.
- Misra, J., & Strader, E. (2013). Gender pay equity in advanced countries: The role of parenthood and policies. *Journal of International Affairs*, 67(1), 27-41.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I. P., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspetiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 120-130.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., Torres, N., & Fernandes, M. (2010). The organization of children's secure base behaviour in two-parent Portuguese families and father's participation in child-related activities. *European Journal of Developmental Psychology*, 7(5), 545-560. doi: 10.1080/17405620902823855
- Mounton, P. Y., & Tuma, J. M. (1988). Stress, locus of control, and role satisfaction in clinic and control mothers. *Journal of Clinical Child Psychology*, 17, 217-224.

- Mulsow, M., Caldera, Y. M., Pursley, M., Reifman, A., & Huston, A. C. (2002). Multilevel factors influencing maternal stress during the first three years. *Journal of Marriage and Family*, *64*, 944-956. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00944.x
- Narciso, I. S. B., & Santos, S. V. (2011). *Questionário de satisfação e expectativas parentais*. Documento Interno, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Narkunam, N., Hashim, A. H., Sachdev, M. K., Pillai, S. K., & Ng, C. G. (2014). Stress among parents of children with attention deficit hyperactivity disorder, a Malaysian experience. *Asia-Pacific Psychiatry*, *6*(2), 207-216. doi: 10.1111/j.1758-5872.2012.00216.x
- Nye, F. I., Carlson, J., & Garrett, G. (1970). Family size, interaction, affect and stress. *Journal of Marriage and Family*, *32*(2), 216-226.
- Nomaguchi, K. M. (2012). Parenthood and psychological well-being: Clarifying the role of child age and parent-child relationship quality. *Social Science Research*, *41*(2), 489-498. doi:10.1016/j.ssresearch.2011.08.001
- O'Brien, M., & Moss, P. (2010). Fathers, work, and family policies in Europe. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5<sup>th</sup> ed., pp. 551-577). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Oelofsen, N., & Richardson, P. (2006). Sense of coherence and parenting stress in mothers and fathers of preschool children with developmental disability. *Journal of Intellectual and Developmental Disability*, *31*(1), 1-12.
- Oliveira, J., & Costa, M. E. (2005). Estilos de vinculação e percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal em tríades de famílias intactas. *Psicologia*, *18*(2), 57-74.
- Östberg, M., & Hagekull, B. (2000). A structural modeling approach to the understanding of parenting stress. *Journal of Clinical Child Psychology*, *29*(4), 615-625.
- Östberg, M., Hagekull, B., & Hagelin, E. (2007). Stability and prediction of parenting stress. *Infant and Child Development*, *16*, 207-223. doi: 10.1002/icd.516
- Pancer, S. M., Pratt, M., Hunsberger, B., & Gallant, M. (2000). Thinking ahead: Complexity of expectations and the transition to parenthood. *Journal of Personality*, *68*(2), 253-280.

- Pearson, Q. M. (2008). Role overload, job satisfaction, leisure satisfaction, and psychological health among employed women. *Journal of Counseling & Development*, 86(1), 57-63. doi: 10.1002/j.1556-6678.2008.tb00626.x
- Perrone, K. M., Wright, S. L., & Jackson, Z. V. (2009). Traditional and nontraditional gender roles and work-family interface for men and women. *Journal of Career Development*, 36(1), 8-24. doi: 10.1177/0894845308327736
- Putnick, D. L., Bornstein, M. H., Hendricks, C., Painter, K. M., Suwalsky, J. T. D., & Collins, W. A. (2010). Stability, continuity, and similarity of parenting stress in European American mothers and fathers across their child's transition to adolescence. *Parenting: Science and Practice*, 10, 60-77. doi: 10.1080/15295190903014638
- Ragozin, A., Basham, R., Crnic, K., Greenberg, M., & Robinson, N. (1982). Effects of maternal age on parenting role. *Developmental Psychology*, 18, 627-634. doi: 10.1037/0012-1649.18.4.627
- Ren, L., & Edwards, C. P. (2015) Pathways of influence: Chinese parents' expectations, parenting styles, and child social competence. *Early Child Development and Care*, 185(4), 614-630. doi: 10.1080/03004430.2014.944908
- Renk, K., Roberts, R., Roddenberry, A., Luick, M., Hillhouse, S., Meehan, C., ... & Phares, V. (2003). Mothers, fathers, gender role, and time parents spend with their children. *Sex Roles*, 48(7/8), 305-315. doi: 10.1023/A:1022934412910
- Rodriguez, C. M. (2011). Association between independent reports of maternal parenting stress and children's internalizing symptomatology. *Journal of Child and Family Studies*, 20, 631-639. doi: 10.1007/s10826-010-9438-8
- Rogers, S. J., & White, L. K. (1998). Satisfaction with parenting: The role of marital happiness, family structure, and parents' gender. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 293-308.
- Sabatelli, R. M., & Waldron, R. J. (1995). Measurement issues in the assessment of the experiences of parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 57(4), 969-980.
- Santos, A. F. V. (2011). *Mães de crianças em idade escolar: Stress parental e estilos de vinculação da mãe e da criança*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

- Santos, S. V. (Outubro, 2008a). *Forma reduzida do Parenting Stress Index (PSI): Estudo Preliminar*. XIII Conferência Internacional Avaliação Formas e Contextos, Braga.
- Santos, S. V. (2008b). Índice de Stress Parental (PSI). In L. S. Almeida, M. R. Simões, C. Machado, & M. M. Gonçalves (Coords.), *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. II, pp. 123-134, 2º ed.). Coimbra: Quarteto.
- Santos, S. V., Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009, Julho). *Parenting stress and demographic variables in non-clinical samples*. Poster apresentado no European Congress of Psychology, Oslo.
- Santos, S. V. (Fevereiro, 2010). *Stress parental e género*. Comunicação integrada no Simpósio Parentalidade, Saúde e Género. 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, Lisboa.
- Santos, S. V. (Julho, 2011). *Validação portuguesa do Parenting Stress Index (PSI) – Forma Reduzida: Estudo com uma amostra de mães de crianças com idade inferior a 5 anos*. Poster apresentado no VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação Psicológica/XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Lisboa.
- Santos, S. V., & Narciso, I. (2014). *Questionário sociodemográfico e de desenvolvimento* - Documento interno. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Sarajuuri, A., Lönnqvist, T., Schmitt, F., Almqvist, F., & Jokinen, E. (2012). Patients with univentricular heart in early childhood: Parenting stress and child behaviour. *Acta Paediatrica*, 101(3), 252-257. doi: 10.1111/j.1651-2227.2011.02509.x
- Scher, A. & Sharabany, R. (2005). Parenting anxiety and stress: Does gender play a part at 3 months of age?. *The Journal of Genetic Psychology*, 166(2), 203-213. doi: 10.3200/GNTP.166.2.203-214
- Shin, J., Nhan, N. V., Crittenden, K. S., Flory, H. T. D. H. M., & Ladinsky, J. (2006). Parenting stress of mothers and fathers of young children with cognitive delays in Vietnam. *Journal of Intellectual Disability Research*, 50(10), 748-760. doi: 10.1111/j.1365-2788.2006.00840.x
- Soltanifar, A., Akbarzadeh, F., Moharreri, F., Soltanifar, A., Ebrahimi, A., Mokhber, N., ... & Naqvi, S. S. A. (2015). Comparison of parental stress among mothers and fathers of

- children with autistic spectrum disorder in Iran. *Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research*, 20(1), 93-98.
- Sonuga-Barke, E. J. S., Harrison, C., & Hart, N. (2000) Expectativas parentais, características da criança e desenvolvimento: Um estudo exploratório com dados longitudinais. *Psychologica*, 24, 129-141. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/03004430903387693>
- Spencer, M. S., Kalil, A., Larson, N. C., Spieker, S. J., & Gilchrist, L. D. (2000). Multigenerational coresidence and childrearing conflict: Links to parenting stress in teenage mothers across the first two years postpartum. *Applied Developmental Science*, 6(3), 157-170. doi: 10.1207/S1532480XADS0603\_5
- Travassos-Rodriguez, Fernanda, & Féres-Carneiro, Terezinha. (2013). Maternidade tardia e ambivalência: Algumas reflexões. *Tempo psicanalítico*, 45(1), 111-121.
- Twenge, J. M., Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2003). Parenthood and marital satisfaction: A meta-analytic review. *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 574-583.
- Umberson, D. & Gove, W. R. (1989). Parenthood and psychological well-being: Theory, measurement, and stage in the family life course. *Journal of Family Issues*, 10(4), 440-462. doi: 10.1177/019251389010004002
- Van Beek, Y., Genta, M. L., Costabile, A., & Sansavini, A. (2006). Maternal expectations about infant development of pre-term and fullterm infants: A cross-national comparison. *Infant and Child Development*, 15, 41-58. doi: 10.1002/icd.428
- Vieira, J., & Matos, P. M. (2011). Preditores da satisfação e do stress na parentalidade: O papel da vinculação romântica. *Psicologia, Educação e Cultura*, 15(1), 125-144.
- Vieira, J. M., Ávila, M., & Matos, P. M. (2012). Attachment and parenting: The mediating role of work-family balance in Portuguese parents of preschool children. *Family Relations*, 61, 31-50. doi: 10.1111/j.1741-3729.2011.00680.x
- Wall, G., & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering? An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender and Society*, 21(4), 508-527. doi: 10.1177/0891243207304973

- Wenger, A., & Fowers, B. J. (2008). Positive illusions in parenting: Every child is above average. *Journal of Applied Social Psychology, 38*(3), 611-634. doi:10.1111/j.1559-1816.2007.00319.x
- Williford, A. P., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2007). Predicting change in parenting stress across early childhood: Child and maternal factors. *Journal of Abnormal Child Psychology, 35*(2), 251-263. doi: 10.1007/s10802-006-9082-3
- Yanamoto, Y., & Holloway, S. D. (2010). Parental expectations and children's academic performance in sociocultural context. *Educational Psychology Review, 22*(3), 189-214. doi: 10.1007/s10648-010-9121-z
- Zarina, A. L., Radhiyah, R., Hamidah, A., Syed, Z. S. Z., Rahman, J. (2012). Parenting stress in childhood leukaemia. *Medicine & Health, 7*(2), 73-83.